



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Faculdade de Educação e Psicologia

**INTERVENÇÃO SOCIOPEDAGÓGICA E PESSOAS EM SITUAÇÃO
DE SEM-ABRIGO - CAMINHOS DE INCLUSÃO
(UM ESTUDO DE CASO)**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de
Mestre em Ciências da Educação

- Especialização em Pedagogia Social -

Diana Sofia Araújo de Sousa

Porto, outubro de 2023



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Faculdade de Educação e Psicologia

**INTERVENÇÃO SOCIOPEDAGÓGICA E PESSOAS EM
SITUAÇÃO DE SEM-ABRIGO - CAMINHOS DE INCLUSÃO
(UM ESTUDO DE CASO)**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de
Mestre em Ciências da Educação

- Especialização em Pedagogia Social -

Diana Sofia Araújo de Sousa

Trabalho efetuado sob a orientação da Professora Doutora Isabel Baptista
Com coorientação da Mestre Cindy Vaz

Porto, outubro de 2023

Porque ser-se sujeito da vida é ser-se transcendência em processo, é ser-se história. E dizer que somos história é infinitamente mais do que dizer “temos história”.

Isabel Baptista, 2014

A verdade é que não acreditamos muito nos avanços da ciência moderna. Afinal que tipo de ciência é essa, capaz de pôr um homem na Lua, mas incapaz de pôr um pedaço de pão na mesa de cada ser humano?

Carlos Ruiz Zafón, “Marina”, 2010

Para que aconteça verdadeira solidariedade é necessário que algo venha despertar o mais fundo da consciência humana, provocando “compaixão.

Pierre Ceyrac, 2008

“O que fazemos para nós mesmos morre conosco. O que fazemos para os outros e para o mundo, permanece e é imortal.”

Albert Pine, 2012

Nota: A presente dissertação foi escrita ao abrigo do novo Acordo Ortográfico, com exceção das citações que, por fidelidade aos textos dos autores, são apresentadas na versão original.

Agradecimentos

A realização desta dissertação de mestrado contou com o apoio e incentivo de várias pessoas, sem as quais não se teria tornado realidade e às quais estarei eternamente grata.

Em primeiro lugar quero agradecer à coordenadora do Mestrado e orientadora, Professora Doutora Isabel Baptista, pela sua orientação científica, total apoio, disponibilidade, por todo o saber que me transmitiu, pelas opiniões e críticas que me ajudaram e muito a crescer, pela total colaboração e incentivo que demonstrou ao longo desta longa caminhada.

À minha coorientadora, professora Mestre Cindy Vaz, por todo o carinho, clareza, rigor, disponibilidade, por todas as palavras doces e amigáveis, pela confiança que depositou em mim, por todas as sugestões relevantes para a melhoria do meu estudo.

À minha grande e maravilhosa amiga Filipa Mendes, por todo o apoio e companheirismo dado, desde o primeiro dia em que entramos no mestrado. Sem dúvida que foi a minha maior “bengala” durante esta caminhada, mostrou-se sempre disponível para me apoiar e fez comigo uma das caminhadas mais bonitas da vida. Obrigada, minha amiga por nunca me teres deixado desistir e por me teres mostrado sempre o lado mais bonito da caminhada.

Aos meus colegas de turma, por todos os momentos que passamos juntos e por todas as aprendizagens em conjunto.

À Professora Doutora Ana Camões, por todo o companheirismo e apoio incondicional. E a todos os meus professores de mestrado, por todas as aprendizagens e conhecimentos partilhados.

Aos meus pais e ao meu irmão, à minha família, que tiveram toda a paciência do mundo comigo e me apoiaram na concretização deste meu sonho, concluir o mestrado.

Ao meu namorado, que esteve sempre presente e me deu força nos momentos menos bons.

A todas as pessoas que contribuíram e participaram na realização deste estudo, sem a participação delas, nada disto seria possível.

Mais uma vez, a todos o meu sincero agradecimento!

Resumo

O presente trabalho corresponde a uma dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Especialização em Pedagogia Social intitulada-se “Intervenção Sociopedagógica e Pessoas em Situação de Sem-abrigo-Caminhos de Inclusão (Um Estudo de Caso)”. Com esta pesquisa quisemos perceber em que medida as estratégias de inclusão de pessoas em situação de sem abrigo contemplam práticas de intervenção sociopedagógica e qual o papel dos educadores sociais no desenvolvimento dessas práticas. Este estudo surgiu a partir de inquietações pessoais e académicas e pela constatação da escassa informação científica deste fenómeno sobretudo na perspectiva da Pedagogia Social, ou seja, segundo um olhar positivo sobre as pessoas e as suas possibilidades de aprendizagem e evolução. Do ponto de vista metodológico optámos pelo estudo de caso, tendo por base uma instituição socioeducativa situada no norte de Portugal, recorrendo à pesquisa documental e à inquirição direta de atores, através de entrevistas semiestruturadas. Em termos gerais, o estudo permitiu concluir que os educadores sociais fazem diferença, evidenciando a relevância da intervenção sociopedagógica.

Palavras-Chave: Pessoa em Situação de Sem-Abrigo; Pedagogia Social; Intervenção Sociopedagógica; Educadores Sociais.

Abstract

This work corresponds to a master's dissertation presented to the Portuguese Catholic University, Faculty of Education and Psychology to obtain a Master's degree in Educational Sciences - Specialization in Social Pedagogy. It is entitled " Socio-pedagogical Intervention and Homeless People - Paths to Inclusion (A Case Study)". With this research, we wanted to understand to what extent inclusion strategies for homeless people include socio-pedagogical intervention practices and what role social educators play in developing these practices. This study arose from personal and academic concerns and from the fact that there was little scientific information on this phenomenon, especially from the perspective of Social Pedagogy, i.e., a positive view of people and their possibilities for learning and evolving. From a methodological point of view, we opted for a case study, based on a socio-educational institution located in the north of Portugal, using documentary research and direct questioning of actors through semi-structured interviews. Overall, the study concluded that social educators make a difference, highlighting the relevance of socio-pedagogical intervention.

Keywords: Homelessness; Social Pedagogy; Socio-pedagogical Intervention; Social Educators.

Índice

Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract	vi
Índice de Quadros	ix
Siglário	x
Introdução Geral	11
Parte I	13
Enquadramento Teórico	13
Introdução	14
Capítulo 1. A Educação como Direito Humano	15
1.1. Educação um direito de todos, ao longo de toda a vida	15
1.2. Desenvolvimento Humano e Pessoas em Situação de Sem-Abrigo.....	18
1.3. Ciências da Educação, Pedagogia Social e Educação Social	21
Capítulo 2 – Políticas de Inclusão Social e Pessoas em situação de Sem-Abrigo	23
2.1. Políticas Europeias de Inclusão Social	23
2.2. Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo.....	25
2.3. Dinâmicas de Inclusão e Capacitação Sociopedagógica	27
Conclusão	30
Parte II	31
Estudo empírico	31
Introdução	32
Capítulo 1 – Justificação da opção metodológica	33
1.1. Questão e Objetivo de Investigação	33
1.2. Estratégia de Desenvolvimento	34
1.3. Critérios de análise e discussão de dados	38
Capítulo 2 – Contextualização da pesquisa	39
2.1. O que são Instituição Particulares de Solidariedade Social.....	39
2.2. Caso de Estudo – Instituição Socioeducativa X.....	41
Capítulo 3 - Análise e discussão de dados	43
3.1. Motivações dos atores para trabalhar com pessoas em situação de sem-abrigo	43
3.2. Práticas de intervenção sociopedagógicas.....	48
3.3. Perceções dos atores sobre as necessidades de formação sociopedagógica.....	54
Conclusão	59
Considerações Finais	60
Bibliografia	64
Documentação Consultada	69

Webgrafia.....	71
Anexos.....	72
Anexo 1. Lista de Instituições que Intervém com pessoas em situação de sem-abrigo	73
Anexo 2. Guião de Entrevista Semiestruturada	92
Anexo 3. Consentimento Livre e Informado.....	94
Anexo 4. Quadro Sinótico	95

Índice de Quadros

Quadro 1- Caracterização dos participantes	36
--	----

Siglário

ARS-Administração Regional de Saúde

ApS- Aprendizagem em Serviço

CLAS- Conselhos Locais de Ação Social

DUDH- Declaração Universal dos Direitos Humanos

EAPN- European Anti-Poverty Network

EIPSS -Estatuto das Instituições Particulares de Solidariedade Social

ENIPSSA- Estratégia Nacional para a Integração das Pessoas em Situação de Sem-Abrigo

FEANTSA- Federação Europeia de Organizações Nacionais

G.A.S.Porto- Grupo de Ação Social Porto

IEFP- Instituto de Emprego e Formação Profissional

INE- Instituto Nacional de Estatística

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

ISS- Instituto da Segurança Social

NPISA- Núcleo de Planeamento e Intervenção Sem Abrigo

ONU- Organização das Nações Unidas

ONGD- Organização Não Governamental para o Desenvolvimento

PSSA- Pessoa em Situação de Sem Abrigo

PNUD- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

SPCE- Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação

UDIPS- União Distrital das Instituições Particulares de Solidariedade Social

UE- União Europeia

UCP- Universidade Católica Portuguesa

Introdução Geral

O presente trabalho corresponde a uma dissertação académica denominada de “Intervenção Sociopedagógica e Pessoas em Situação de Sem Abrigo – Caminho de Inclusão (Um Estudo de Caso)”, desenvolvida no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, com especialização em Pedagogia Social na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (FEP-UCP).

O motivo pelo qual desenvolvemos este estudo surge primeiramente por inquietações sentidas a nível pessoal, uma vez que esta sempre foi uma problemática que nos despertou interesse e curiosidade. Por outro lado, surge também por inquietações académicas e profissionais, ligadas à nossa condição de licenciada em Educação Social, uma vez que gostaríamos de intervir junto deste público-alvo, permitindo-nos uma aproximação à realidade e aos contextos de risco. Olhar para as pessoas a partir duma perspetiva positiva e para os seus caminhos de inclusão promovendo a capacitação sociopedagógica, também motivou a realização deste trabalho, pois acreditamos que todas as pessoas, independentemente da situação em que se encontram na vida, têm possibilidades de realização humana em toda a sua plenitude.

Atualmente, em Portugal, segundo o Inquérito de Caracterização das Pessoas em Situação de Sem-Abrigo, realizado à data de 31 de dezembro de 2021, inserido no conjunto de ações definidas na Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo – ENIPSSA (2017-2023), o número de pessoas em situação de sem-abrigo aumentou 16%. Estes dados foram comparados com os dados obtidos em dezembro 2020. Esta problemática tem sido preocupação de académicos e políticos, sendo que palavras como inclusão e valores têm sido bastante debatidas e através destas surgiram-nos algumas questões: Quem são as pessoas que vivem em situação de sem-abrigo? Como são as rotinas de vida das pessoas em situação de sem-abrigo? Quais são as expectativas futuras? Que respostas sociopedagógicas estão a ser implementadas junto das pessoas em situação de sem-abrigo? As respostas sociopedagógicas valorizam as suas histórias de vida? Qual o papel do educador social na construção de respostas sociopedagógicas?

Foi neste âmbito de inquietações que surgiu a nossa questão de investigação em que medida as estratégias de inclusão de pessoas em situação de sem abrigo contemplam práticas de intervenção sociopedagógica e qual o papel dos educadores sociais no

desenvolvimento dessas práticas. Para responder a esta questão, do ponto de vista teórico, a nossa fundamentação foi balizada pela Pedagogia Social, enquanto ciência da educação, conhecimento que articula a área da educação com a área da solidariedade social, numa lógica de aprendizagem ao longo da vida para todas as pessoas sem exceção (Baptista, 2008b), bem como pelas orientações normativas no âmbito da ENIPSSA (2017-2023).

Tendo por base estes dados e do ponto de vista empírico, propusemo-nos a desenvolver um estudo de caso, tentando responder aos seguintes objetivos: identificar as principais motivações para trabalhar com pessoas em situação de sem-abrigo, identificar e analisar práticas da intervenção sociopedagógica para a inclusão das pessoas em situação de sem-abrigo e identificar e analisar as perceções dos atores profissionais sobre as necessidades de formação no âmbito do trabalho com as pessoas em situação de sem-abrigo.

Apresentamos assim, na segunda parte deste trabalho, o estudo empírico de acordo com o quadro teórico realizado, que pretende evidenciar o caminho metodológico traçado, desde a recolha dos dados à sua análise e apresentação, terminado com as considerações finais sobre o estudo e o seu contributo na área da Pedagogia Social. Assim, a nossa opção metodológica foi de carácter qualitativo, com recurso à análise documental e à inquirição direta de atores, através de entrevistas semiestruturadas. Terminamos o trabalho com as conclusões deste estudo.

Parte I
Enquadramento Teórico

Introdução

No desenvolvimento das questões que conduzem o nosso estudo, no que diz respeito à fundamentação do enquadramento teórico, iniciamos com o reconhecimento da importância da educação para o desenvolvimento do ser humano enquanto pessoa, optando por uma abordagem assente nas recomendações das Nações Unidas, apoiadas na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH,1948). Assim salientamos a importância da educação enquanto direito universal e público para todos e ao longo de toda a vida.

Procuramos explicitar a importância da educação ao longo de toda a vida de todas as pessoas, independentemente da sua condição humana. É através da educação que nos tornamos pessoas mais justas e solidárias. A educação é um direito humano, isto, porque é através da educação que podemos lutar e alcançar todos os outros direitos, enquanto cidadãos.

Por fim, quisemos perceber quais são as políticas europeias de inclusão social implementadas, bem como quais são as políticas a nível nacional para a integração das pessoas em situação de sem-abrigo, terminando o nosso capítulo com referência aos sujeitos principais do nosso estudo, as pessoas em situação de sem abrigo.

Capítulo 1. A Educação como Direito Humano

1.1. Educação um direito de todos, ao longo de toda a vida

A educação é central para o desenvolvimento humano, é através dela que temos acesso a outros direitos, é um processo intencional, cria oportunidades, espaços e modalidades de formação. Segundo Isabel Baptista (2015, p.1) “a educação constitui um direito humano básico, potenciador do acesso a outros direitos, devendo, como tal, ser acessível a todas as pessoas, ao longo de toda a sua vida”.

É através da educação que nos tornamos seres humanos independentes, autónomos e com voz, maior sentido crítico, com um maior conhecimento, sendo esta fulcral para o nosso desenvolvimento, tanto pessoal como social. Ainda no seguimento das teses da autora anteriormente citada (Baptista, 2007, p. 147) “Seja qual for o seu contexto de realização, a educação define-se como uma prática antropológica de carácter intencional, correspondendo sempre a uma intervenção deliberada no processo de desenvolvimento humano.”. Assim, se é verdade que toda a prática educativa assenta numa relação humana, interessa viver e pensar essa relação como prática orientada para o outro.

Tal como podemos ler na Declaração Universal dos Direitos Humanos elaborada em 1948 pela Organização das Nações Unidas, todas as pessoas têm direito à educação e, esta deve estar orientada para o desenvolvimento humano, ou seja, “A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.” (ONU, 1948, p. 5)

Assim sendo, a educação representa um direito humano que, como tal, deverá ser acessível a todas as pessoas e ao longo de toda a sua vida, mas também um domínio privilegiado de promoção dos direitos humanos. Realça-se assim o carácter humanizador da educação, percebida como elemento-chave para o bem-estar de todos os cidadãos, ao longo de todas as etapas da sua existência (Azevedo, 2011).

De acordo com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos a “Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem”, aprovada pela Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em Jomtien em 1990 e publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em 1998 podemos ler no

preâmbulo que “(...) a educação pode contribuir para conquistar um mundo mais seguro, mais sadio, mais próspero e ambientalmente mais puro (...)” (p. 2) bem como alcançar um pleno desenvolvimento.

A Comissão Europeia entende como definição de educação ao longo da vida “(...) cada individuo saiba conduzir o seu destino, num mundo onde a rapidez das mudanças se conjuga como fenómeno da globalização para modificar a relação que homens e mulheres mantêm com o espaço e o tempo (...)” (Delors, 1996, p.105). Um dos papéis da educação consiste em capacitar a humanidade o mais cedo possível para que todos tenham a capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento e “(...) fornecer a todos, o mais cedo possível, o “passaporte para a vida”, que os leve a compreender melhor a si mesmo e aos outros (...)” (Delors, 1998, p.82), tornado assim os seres humanos mais independentes e os próprios protagonistas da sua vida.

Segundo o relatório Jacques Delors (UNESCO, 1996) a educação faz parte do desenvolvimento humano, uma vez que podemos definir o desenvolvimento humano como uma possibilidade de as pessoas melhorarem a sua qualidade de vida, possibilidade esta que não deve ser limitada e deve evoluir com o tempo, adquirindo assim novos conhecimentos, conjuntamente de uma vida mais estável.

No entanto o mesmo relatório defende também que o desenvolvimento humano não pode ser redirecionado para e apenas a educação, pois apesar da educação ser a base do contributo para o desenvolvimento humano, não é o todo. Existem muitas outras potencialidades às quais as pessoas também atribuem valor que vão desde a liberdade política, económica e social, como também a simples oportunidade de serem criativas, lutando assim pela dignidade pessoal e tornando se autores da sua própria vida. Estamos assim perante a ideia de que o crescimento económico por si mesmo, não pode disseminar a imensidade que caracteriza o conceito de desenvolvimento humano, já que este deve beneficiar a união entre a produção e a repartição de bens e serviços e o aumento e o emprego das potencialidades humanas.

No entanto é normal que exista esta “confusão” de crescimento económico associado ao conceito de desenvolvimento humano, o que trouxe inúmeras consequências maioritariamente pelo uso periódico de “indicadores de crescimento económico para aferir e qualificar o nível de desenvolvimento dos países.” (Amaro, 2003, p. 47).

Quando falamos em desenvolvimento humano devemos falar também em sustentabilidade, ou seja, na ligação do ser humano com o planeta. É possível que estejamos a entrar numa nova era geológica, intitulada de Antropoceno, designada a

época dos seres humanos, em que estes são os principais agentes no futuro do planeta, contudo terão de se abrir novos horizontes, a humanidade deve aprender e desenvolver capacidades conjuntamente de novos valores para proteger o meio ambiente. No Relatório de Desenvolvimento Humano (2020, p.8), do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento podemos ler que “(...) Os valores, especialmente o modo como se comparam e interagem, ajudam, globalmente, a nortear as escolhas que as pessoas capacitadas fazem em relação às suas vidas”.

O mesmo relatório (PNUD, 2020) refere ainda que o conceito de desenvolvimento humano deverá continuar a progredir por forma a dar resposta aos desafios do dia a dia, sempre com o objetivo de que as pessoas cada vez mais valorizem as suas próprias vidas, evitando assim que as gerações futuras não se deparem cada vez mais com maiores restrições e tenham a possibilidade de traçar o seu próprio caminho.

Deste modo, o mesmo apela a uma transformação justa por forma a ampliar as liberdades humanas. As recomendações orientam-nos para mecanismos de mudança, mais concretamente normas, valores e incentivos regulamentados para o desenvolvimento humano sustentado na natureza. Não se trata de opor as pessoas às árvores nem de eliminar os mercados apenas por serem falíveis. O objetivo, em vez disso, é perceber como podemos conciliar diferentes abordagens – por meio das normas e dos valores, dos incentivos e da regulamentação, da própria natureza – de modo a expandir as liberdades humanas, sem deixar de atenuar as pressões sobre o planeta.

O Relatório de Desenvolvimento Humano (2019) refere ainda que existe um sistema universal que se encontra bem evoluído, contudo mostra-nos que a redução das desigualdades é uma escolha social onde estão envolvidos os interesses e identidades não esquecendo dos organismos que também têm um papel importante. A política e o contexto importam. Existem interesses e identidades. Os elementos que condicionam as opções incluem a história e as normas sociais, a prevalência da desigualdade e o conjunto de recursos disponíveis, assim como as reivindicações conflitantes quanto à sua utilização.

Para conseguirmos igualdade no seio da educação, os resultados ao nível da aprendizagem deveriam ser direcionados e focados na pessoa enquanto pessoa, isto quer dizer, olhar para cada um e perceber quais são os seus interesses, vontades, desejos e dificuldades num quadro de promoção de condições de desenvolvimento humano, acessíveis a todas as pessoas, seja qual for a sua situação na vida.

1.2. Desenvolvimento Humano e Pessoas em Situação de Sem-Abrigo

No seguimento do que foi dito antes, à luz dos direitos humanos, todas as pessoas, sem exceção, deverão encontrar oportunidades que lhes permita desenvolver a sua humanidade, a sua dignidade pessoal. Vimos também que a educação desempenha um papel fundamental neste processo de capacitação humana de todas as pessoas e ao longo de toda a vida. Neste sentido, as pessoas, que por qualquer razão, se encontram privadas das condições básicas de existência, designadamente de sem-abrigo, têm direito ao desenvolvimento e à inclusão social.

De acordo com a Estratégia Nacional de Integração para as Pessoas em Situação de Sem-Abrigo/ENIPSSA 2017-2023, e o exposto no diploma legal que aprovou esta estratégia (cf. Resolução do Conselho de Ministros nº107/2017, de 25 de julho), uma pessoa em situação de sem-abrigo é

Aquela que, independentemente da sua nacionalidade, origem racial ou étnica, religião, idade, sexo, orientação sexual, condição socioeconómica e condição de saúde física e mental, se encontre:

- Sem teto, vivendo no espaço público, alojada em abrigo de emergência ou com paradeiro em local precário; o Espaço público – espaços de utilização pública como jardins, estações de metro/camionagem, paragens de autocarro, estacionamento, passeios, viadutos, pontes ou outros; o Abrigo de emergência – qualquer equipamento que acolha, de imediato, gratuitamente e por períodos de curta duração, pessoas que não tenham acesso a outro local de pernoita; o Local precário – local que, devido às condições em que se encontra permita uma utilização pública, tais como: carros abandonados, vãos de escada, entradas de prédios, fábricas e prédios abandonados, casas abandonadas ou outros.
- Sem casa, encontrando-se em alojamento temporário destinado para o efeito: o Alojamento temporário – equipamento que acolha pessoas que não tenham acesso a um alojamento permanente e que promova a sua inserção. Corresponde, por

exemplo, à resposta social da nomenclatura da Segurança Social ou outras de natureza similar, designada por Centro de Alojamento Temporário: “resposta social, desenvolvida em equipamento, que visa o acolhimento, por um período de tempo limitado, de pessoas adultas em situação de carência, tendo em vista o encaminhamento para a resposta social mais adequada. (2017, p. 3925)

Consideramos importante realçar nesta nova definição, “pessoa” “em situação”, ou seja, é colocada a atenção nas pessoas afetadas por este problema social e é também considerada uma situação, ou seja, estar sem-abrigo não pode ser perspetivado como um fenómeno, mas sim como uma transitoriedade.

Num olhar aos estudos realizados sobre as pessoas em situação de sem abrigo identificamos uma diversidade de significados, de entre os quais destacamos os autores Miguel, Ornelas & Maroco (2010) que referem que uma pessoa em situação de sem-abrigo é aquela que tem carência de uma residência fixa e adequada, conseqüente de uma situação de desemprego, falta de habitações de baixo custo, guerra, discriminação racial e de incapacidade física ou mental, entre outros fatores. Para os autores citados, cada nação define o seu próprio conceito de sem-abrigo, segundo a sua própria realidade e situação política, mas acreditam que as diferentes definições afetam a criação de políticas de combate ao fenómeno (Miguel, et al., 2010:437). Assim, “Podemos dizer que “ser-se “Sem-abrigo” é, amiúde, uma condição associada à exclusão social e a precaridades extremas. [...] É uma população carente de teto, de família (laços), de trabalho, de auto-estima, e, muitas vezes inclusive de um projeto de vida” (Telheiro, 2013, p.11).

Após um estudo realizado pelo Instituto da Segurança Social. I. P. (2004-2005) sentiu-se a necessidade urgente de criar uma estratégia nacional, direcionada para a intervenção, prevenção e acompanhamento de todos aqueles que se encontram nesta situação, de forma a permitir a inclusão social. Com ela, ocorre uma redefinição do conceito de “sem-abrigo”, passando a utilizar-se o conceito de “Pessoa em Situação de Sem-Abrigo” (ENIPSSA, 2017-2023, p.8).

Recuperando a noção de Nuno Telheiro acima já referida, é inevitável falarmos em pessoas em situação de sem abrigo sem falarmos no conceito de pobreza e exclusão social, uma vez que estes conceitos estão interligados. Já muito se tem falado nestes

conceitos, mas pouco se tem feito para erradicar esta situação, esquecemo-nos que este é um problema (nosso), que é a nossa realidade pública.

Nos dias de hoje em que se considera que está “difícil” viver, cada vez mais as pessoas estão vulneráveis a esta condição. Segundo Gilbert Clavel (2004, p.139) a “pobreza refere-se à participação dos indivíduos na atividade económica e à distribuição dos rendimentos (...) é caracterizada (...) pela insuficiência dos recursos, não permitindo participar no conjunto dos modos de vida reconhecidos socialmente (...) remete para uma análise de desigualdades sociais”.

Serge Paugam (2003, p.23) acredita que na contemporaneidade a “(...) pobreza não é somente o estado de uma pessoa que tem falta de bens materiais, corresponde igualmente a um estatuto social específico, inferior e desvalorizado que marca profundamente a identidade dos que a experimentam”. Todas estas circunstâncias geram vulnerabilidade humana, dificultando os processos de inclusão social.

De acordo com Ana Camões (2019, p.9) “a exclusão social pode implicar privação, falta de recursos ou, de uma forma mais ampla, ausência de cidadania, se por esta se entender a participação plena da pessoa na sociedade, em termos ambientais, culturais, económicos, políticos e sociais.” Podemos assim compreender que a situação de exclusão está incluída num procedimento de falta de integração e ou participação na sociedade em vários âmbitos : no âmbito económico , que demonstra escassez de recursos económicos , isto é , a falta de um vencimento mensal para que sejam supridas todas as necessidades básicas para sobreviver e sustentar-se; no âmbito político-legal que diz respeito aos vínculos que se criam com a proteção social e finalmente o âmbito relacional que distingue a falta de relacionamento com a comunidade onde está inserido.

São precisamente estes pressupostos que levam à valorização do conhecimento social e humano, desenvolvido pela Pedagogia Social, enquanto ciência da educação “(...) como um saber educacional intrinsecamente inovador que produz impacto significativo nos processos de desenvolvimento humano (...)” (Vaz & Baptista, 2021, p.77889).., principalmente junto das pessoas mais frágeis e vulneráveis.

1.3. Ciências da Educação, Pedagogia Social e Educação Social

A Pedagogia Social, surge na Alemanha, devido ao contexto da Revolução Industrial que se viveu nos inícios do século XX, resultando em problemas sociais como o desemprego, exclusão social, proletarização ou os fluxos migratórios (Caride, 2005), que exigiram novas respostas socioeducativas.

Como ciência da educação, a Pedagogia Social enquadra os processos de aprendizagem ao longo da vida para todos sem exceção. É o saber que interliga a área da educação com a área da solidariedade social. Como refere Isabel Baptista (2008b), a Pedagogia Social, olha para o outro com uma visão humana e social da educação, evidenciando assim este saber como um “(...) domínio de conhecimento que, valorizando a educação em toda a sua amplitude socioantropológica, permite enquadrar a pluralidade de experiências socioeducacionais desenvolvidas em comunidade e numa perspetiva de formação ao longo da vida” (Baptista, 2012b, p.5).

Para Adalberto Dias de Carvalho e Isabel Baptista (2004), a Pedagogia Social é uma disciplina científica, que tem como objeto de estudo a *praxis* educativa, ocupando assim um lugar privilegiado na construção de instrumentos conceptuais necessários para compreender e acompanhar as trajetórias de vida, que tornaram os indivíduos “escravos” de situações de infelicidade e de exclusão.

Continuando na mesma linha de pensamento dos autores nacionais, a Pedagogia Social visa a progressiva autonomia dos indivíduos, a sua integração em redes sociais de apoio através de uma intervenção socioeducativa alimentada pelos desejos e projetos de cada um, portanto, “mais do que trabalhar para, trata-se de trabalhar com as pessoas segundo uma lógica de co-responsabilização e de co-autoria.” (Carvalho & Baptista, 2003, p.187)

Para Joaquim Azevedo (2007) a educação tem como finalidade que cada ser humano se torne cidadão integro de direitos e deveres, que aprenda a viver uns com os outros. É nesta lógica de pensamento que o autor defende a Pedagogia Social como uma dinâmica relacional que permite o desenvolvimento completo, através de ações socioeducativas de todas as pessoas. Portanto, " a educação, sob as suas diversas formas, tem por missão criar, entre as pessoas, vínculos sociais que tenham a sua origem em referências comuns" (Delors, 1998, p.51). Com Roberto Carneiro (2003, p.111) reforçamos a importância de que “aprender a conviver (viver juntos) enuncia o desafio

extraordinário de redescobrir a relação significativa, de elevar os limiares da coesão social, de viabilizar o desenvolvimento comunitário sobre alicerces sustentáveis.”.

Segundo Ana Maria Vieira e Ricardo Vieira (2016), a Pedagogia Social afirma ser uma disciplina integradora de conhecimentos práticos e teóricos capaz de suprir os instrumentos necessários para uma intervenção técnica que reforça o estabelecimento de vínculos sociais e que permite a existência de aprendizagens que promovam o bem-estar e a autonomia de vida.

José Luís Gonçalves (2009, p. 36), refere que a Pedagogia Social “(...) vê-se permanentemente desafiada a re-significar espaços/tempos/modos de educar em todas as dimensões da pessoa e durante toda a sua caminhada existencial.”. Para Ana Camões (2018, p.39) a Pedagogia Social “(...) como campo de saber que enquadra a *práxis* socioeducativa desenvolvida numa lógica de promoção de proximidade, de hospitalidade, de justiça e solidariedade social.”, é o saber de referência dos profissionais da Educação Social.

É neste entendimento que a Educação Social em Portugal “(...) corresponde a uma área de acção fundamental para «uma educação desde e para os direitos humanos» que ajude a concretizar os princípios da «educabilidade» e da «perfectibilidade» de todas as pessoas, ao longo de toda a sua vida. (Vaz, 2010, p. 89). É de referir que os primeiros educadores sociais licenciados no nosso país surgem no final do século XX, sendo que “Atualmente existem em Portugal um número significativo de instituições de Ensino Superior que contemplam a formação de educadores sociais desde universidades, escolas superiores e institutos politécnicos. (Vaz & Baptista, 2021, p. 77890).

Assim, podemos concluir que um entendimento envolto da essência de que esta área de saber se refere ao vínculo entre a educação e a solidariedade social e esta assimilação permite o desenvolvimento de metodologias e de filosofias de ação, que se diferenciam das formas tradicionais de intervenção e se direcionam para conceber oportunidades de desenvolvimento e de participação social alcançáveis a todos os cidadãos, sem exceção.

Capítulo 2 – Políticas de Inclusão Social e Pessoas em situação de Sem-Abrigo

2.1. Políticas Europeias de Inclusão Social

O reconhecimento da necessidade de assegurar condições de desenvolvimento humano das pessoas em situação de sem-abrigo, justifica a promoção de políticas públicas especificamente orientadas para a realização e inclusão destas pessoas.

No dia um de janeiro de 1986, Portugal entrou para Estado Membro da União Europeia e levou consigo a preocupação de analisar e intervir ao nível das políticas sociais. Os progressos das relações entre os países membros aplicaram na agenda da política europeia a atenção correlacionada à extrema pobreza e também às pessoas que se encontravam a viver em situação de sem abrigo. É neste âmbito, que em dezembro de 1990, em Bruxelas, foi concebida a European Anti-Poverty Network (EAPN), com o intuito comum de combater a pobreza nos países membros. Em Portugal foi criada a 17 de dezembro de 1991, obtendo em 1995 o estatuto de Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD). Sediada no Porto, estende-se a todo o país através de 18 núcleos distritais. Em 2010 foi lhe atribuída pela Assembleia de República, o prémio pelos Direitos Humanos.

A conceção da Rede Europeia Anti-pobreza possibilitou aos países levar o tema para a agenda política da União Europeia (EAPN, 2021). De acordo com a EAPN, entre 1 de janeiro de 2001 e 31 de dezembro de 2005 vigorou o programa de ação comunitária em matéria de luta contra a exclusão social, dando assim continuidade ao trabalho iniciado aquando da criação da EAPN. O programa fez parte de um método aberto de coordenação entre os Estados-Membros com vista à luta contra a exclusão social e foi combinado com planos de ação nacionais. Teve como objetivo melhorar a eficácia e a eficiência das políticas de luta contra a exclusão social, tendo sido apontada a melhoria na compreensão dos fenómenos como um critério fundamental para o bom funcionamento das políticas públicas.

Em 2010, após a definição dos objetivos para a Estratégia Europa 2020, conjuntamente com o Relatório de Proteção Social e Inclusão de 2010, abriram-se as portas para que a União Europeia fortalecesse as políticas de intervenção para as pessoas em situação de sem-abrigo, desencadeando este problema social para as agendas políticas

dos estados-membros. Mais tarde, no Encadeamento da Estratégia 2020 foi concebido que o total dos países empenhar-se-ia a desviar 20 milhões de pessoas do risco de pobreza e exclusão social. A consciência desta temática levou à melhor compreensão e a uma mudança relativamente à integração de estratégias.

A Federação Europeia de Organizações Nacionais que trabalham com as pessoas em situação de sem abrigo (FEANTSA) é a única grande rede Europeia que concentra a sua intervenção exclusivamente nas pessoas em situação de sem-abrigo. Esta organização desenvolveu uma tipologia europeia de sem-abrigo e exclusão habitacional (ETHOS) como um meio de melhorar a compreensão e mediação das pessoas em situação de sem abrigo na Europa e fornecer uma “linguagem” comum para intercâmbios transnacionais sobre os sem abrigo.

Desta forma, a FEANTSA, no seu Website, define pessoa em situação de sem-abrigo como aquela que:

- sem teto, a pessoa sem abrigo de qualquer tipo, que dorme na rua;
- falta de habitação, isto é, com um lugar para dormir, mas que é temporário, sendo por exemplo em instituições ou abrigo;
- reside em moradias inseguras, as pessoas são ameaçadas de exclusão severa, devido a locações inseguras, despejo, violência doméstica;
- viver em habitações inadequadas, tais como em caravanas em parques de campismo ilegais, em habitações impróprias, em extrema sobrelotação.

Em, 2023 o Parlamento Europeu estabeleceu um conjunto de recomendações para todos os estados-membros, visando por fim, erradicar o número de pessoas em situação de sem abrigo. No essencial pretende-se que os estados adotem políticas que permitam responder aos problemas das pessoas em situação de sem-abrigo nomeadamente através de assistência especializada e formação. É nesta linha, portanto, que se situa a estratégia portuguesa para as pessoas em situação de sem-abrigo.

2.2. Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo

De acordo com a Estratégia Nacional para a Integração das Pessoas em Situação de Sem-Abrigo (ENIPSSA), na segunda parte da Carta Social Europeia (1961), encontra-se mencionado no artigo 31º, o ponto que obriga os Estados a promover o acesso à habitação, segundo um critério adequado, para evitar e reduzir o número de pessoas sem-abrigo, com a perspetiva da sua erradicação gradual, e tornar o preço da habitação acessível a pessoas com poucos recursos. Ou seja, Portugal segue assim as recomendações europeias em matéria de luta contra a pobreza e exclusão.

Entre estas recomendações, para além do que foi mencionado no ponto anterior é de destacar a referência é a Resolução B7-0475-2011 do Parlamento Europeu, diploma aprovado por ampla maioria em 14 de setembro de 2011 e por meio do qual se luta pelo reforço das políticas de combate ao fenómeno sem-abrigo através da adoção pelos Estados-Membros da “Estratégia Europeia de Integração dos Sem-Abrigo”. Mais recentemente, há ainda a realçar o Relatório da Comissão Europeia "Confronting Homelessness in the European Union", documento apresentado em fevereiro de 2013 no âmbito do "Pacote de Investimento Social" (o qual constitui um quadro político integrado para a “Estratégia Europa 2020”), em ordem a definir estratégias de inclusão mais eficazes para lidar com o fenómeno das pessoas em situação de sem-abrigo na UE.

Em 2004 e 2005, foi efetivado pelo Instituto da Segurança Social, IP (ISS, I.P.), um estudo através do qual se procurou definir a população sem teto, analisar as trajetórias de vida de pessoas alojadas em pensões, quartos alugados e pormenorizar as entidades prestadoras de serviços a estas pessoas. Uma das grandes conclusões deste estudo foi a necessidade urgente de ser criada uma estratégia nacional direcionada à prevenção, intervenção e acompanhamento às pessoas em situação de sem abrigo, pretendendo a sua verdadeira integração.

No dia 21 de fevereiro de 2018, na cidade do Porto, nasceu o Núcleo de Planeamento e Intervenção Sem Abrigo (NPISA). Estes núcleos são criados sempre que a dimensão do fenómeno das pessoas em situação de sem-abrigo o justifique, no âmbito dos Conselhos Locais de Ação Social (CLAS). Cada Núcleo deve ser constituído por um representante da câmara municipal e das entidades ou organismos do sector público, principalmente os tutelados pelos membros do Governo nas áreas do emprego, segurança social, educação, saúde, justiça, administração interna, obras públicas e ambiente, cidadania e igualdade; e por todas as entidades com intervenção na área que anseiem

estabelecer um trabalho articulado e integrado, e às quais seja reconhecida competência para tal por todos os outros parceiros. Preferencialmente, deve ser coordenado pela Câmara Municipal.

O NPISA Porto é constituído pelo: NPISA (Plenário), constituído por todas as entidades que integram o NPISA e pelo Núcleo Executivo (Câmara do Porto-coordenação, Centro Distrital do Porto do Instituto da Segurança Social, I.P., ARS, União Distrital das Instituições Particulares de Solidariedade Social-UDIPSS - Associação dos Albergues Noturnos do Porto, EAPN - Núcleo Distrital do Porto da EAPN Portugal, G.A.S. Porto - Grupo de Ação Social do Porto, Médicos do Mundo, Norte Vida - Associação para a Promoção da Saúde e pela Santa Casa da Misericórdia do Porto.

Ao NPISA Porto compete-lhe elaborar o diagnóstico social, planear a estratégia, definir as respostas sociais, bem como ativar a rede de respostas no âmbito das pessoas em situação de sem abrigo ao nível municipal, potenciando o trabalho em rede e gerando complementaridades entre as diferentes entidades parceiras.

O NPISA Porto organiza-se em 6 eixos de intervenção : o eixo 1 que é destinado ao acompanhamento social e é coordenado pelo Centro Distrital do Porto do Instituto de Segurança, o eixo 2 que é reservado ao Emprego e Formação , coordenado pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional - IEFP, o eixo 3 que é relativo à Habitação e é coordenado pela Santa Casa da Misericórdia do Porto, o eixo 4 que está relacionado com a participação e cidadania, coordenado pelo Núcleo Distrital EAPN Portugal, o eixo 5 que está interligado com a Saúde e é dirigido pela Administração Regional de Saúde Norte e por fim, o eixo 6 que está relacionado com o voluntariado sendo coordenado pela União Distrital das Instituições Particulares de Solidariedade Social- UDIPSS.

Neste contexto, no âmbito da concretização da Estratégia Nacional, o NPISA prevê iniciativas de formação, ainda que sem o foco na capacitação sociopedagógica e nos educadores sociais.

2.3. Dinâmicas de Inclusão e Capacitação Sociopedagógica

Nas últimas décadas, o mundo assistiu a bastantes mudanças no desenvolvimento da educação ao longo da vida, como foi dito no primeiro ponto. Desde o final do século XX que a sua expansão e atualização têm sido impactantes, o que gerou a necessidade de um novo paradigma. Este paradigma emerge “(...) para dar à ação dos atores sociais, em prol de mais e melhor educação, para todos os cidadãos, um sentido comum, assente na solidariedade, como pedra angular da construção do bem comum.” (Azevedo,2009, p.26).

A forma como toda a sociedade está estruturada tornou-se de tal maneira enigmática a todos os níveis, quer no contexto económico e social, político, cultural, quer inquestionavelmente no contexto da educação e da formação. Todos estes domínios foram comprometidos por um célere desenvolvimento científico. A estas mudanças sucessivas criam-se profissões e atividades que exigem a cada indivíduo, novas competências, por forma a reajustarem-se ao “novo mundo”.

Aproxima-se agora um outro conceito, o da sociedade educativa, onde tudo deve ser ocasião para aprender e desenvolver as próprias capacidades e talentos, ou seja, a educação ao longo da vida deve aproveitar todas as oportunidades oferecidas pela sociedade (Delors, 1996). Segundo o Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida (2000), as mudanças sociais e económicas do mundo contemporâneo são um fenómeno complexo que se desdobram em várias dimensões e que estão interligadas entre si. Neste contexto, a aprendizagem ao longo da vida tem como objetivo fulcral promover a cidadania ativa e fomentar a empregabilidade. Portanto, promover a cidadania ativa é promover a participação ativa das pessoas na vida socioeconómica da sua comunidade, capacitando-as para terem voz e rosto. Para melhorar a qualidade de vida das pessoas é necessário proporcionar acesso ao emprego renumerado, permitindo assim alcançar o bem-estar e a realização pessoal.

Contudo podemos constatar que nem todos os indivíduos estão preparados para percorrer e enfrentar esta nova sociedade e esta economia emergente, antes de tudo temos de olhar para as pessoas e para as suas potencialidades e dar-lhes o devido valor, acreditar que são capazes, independentemente do tempo que necessitem, dar-lhes as “ferramentas” necessárias, educarmos para os valores humanos, desde a compreensão e tolerância para com o outro.

Deste modo, e face às recomendações oriundas dos relatórios supracitados, o século XXI elege a educação como o elemento-chave para o desenvolvimento integral e integrado das pessoas, de forma permanente e contínua. A educação mostra-se como um novo tipo de relação entre a aprendizagem e as diferentes etapas de crescimento dos sujeitos enquanto seres sociais e aprendentes, passando o ato de aprender a ser “(...) encarado como responsabilidade pessoal, como dever de cada um no sentido de honrar a sua presença no mundo.” (Baptista, 2005, p. 61)

As missões que cabem hoje à educação englobam todos os processos que levem as pessoas desde a infância até ao fim da vida, a um conhecimento mais dinâmico, dos outros e de si mesmo, futuramente temos de aprender ao longo de toda a vida e uns saberes penetram e enriquecem os outros (Delors, 1996, p.104). A educação ao longo de toda a vida torna-se assim o meio para alcançar uma estabilidade entre o trabalho e a aprendizagem, bem como ao exercício de uma cidadania ativa, dizimando assim, esta problemática que está intimamente ligada à igualdade de oportunidades.

Podemos afirmar, que a educação ao longo de toda a vida poderá mudar a vida de alguém, poderá dar novas oportunidades aos que não tiveram, fosse pelas mais variadas razões, ter uma escolaridade completa ou que abandonaram o sistema educativo em situação de insucesso, quebrando assim os níveis de insucesso e desigualdade.

Neste cenário, a aprendizagem ao longo da vida tornou-se o “piloto” da nova geração dos programas comunitários nas áreas da educação e formação. A aprendizagem ao longo da vida refere-se à prática contínua de adquirir conhecimento, habilidades e competências ao longo de toda a vida de uma pessoa, independentemente da idade. Envolve a ideia de que a aprendizagem não é restrita a um período específico, como a infância ou a educação formal, mas é um processo contínuo que ocorre em diversos contextos e em todas as fases da vida.

Os educadores sociais são chamados a intervir em diversos cenários sociais, educacionais e territoriais, levando a uma intervenção sociopedagógica que se desenvolve de forma alicerçada na interação com as pessoas, adaptando-se aos contextos específicos e promovendo a participação ativa e o empoderamento daqueles com os quais intervém, através da promoção de solidariedade social, numa lógica de aprendizagem ao longo da vida, desenvolvida em comunidade. Assim, este profissional do desenvolvimento humano assume como compromisso dar resposta às

“(...) realidades sociais da pessoa e/ou dos grupos humanos para e com quem dirige a sua acção pedagógico-social. Ele compromete-se com tudo o que isso envolva, desde a ponte, o trato e o cuidado com a família, com o emprego e com a comunidade a que pertence, chegando mesmo a ter que procurar estratégias que o permitam acolher determinadas verdades da história e da circunstância de vida humana que levaram as pessoas à procura de ajuda. (Vaz, 2010, p. 37).

Assim, a inclusão social e a capacitação sociopedagógica estão intrinsecamente ligadas e desempenham um papel fundamental na construção de sociedades mais justas e equitativas. Esses conceitos têm implicações em diversas áreas da vida, desde a educação até o mercado de trabalho e a participação cidadã. Ruth Levitas (2003, p.1) defende que outros aspetos da inclusão dizem respeito “a questões de direitos e questões de reconhecimento, e inclusão no processo de tomada de decisão, mais do que simplesmente nos resultados dessas decisões.” A autora evidencia não só o reconhecimento de direitos, mas também a participação nos processos e decisões que poderão favorecer a inclusão social de determinado grupo.

Neste sentido, a inclusão é um princípio-chave na intervenção socioeducativa com pessoas em situação de sem-abrigo, e é fundamental para promover o bem-estar, a dignidade e a reintegração social desses indivíduos. Através da abordagem centrada na pessoa, isto porque cada pessoa em situação de sem-abrigo tem uma história, necessidades e objetivos únicos. Uma intervenção socioeducativa deve ser adaptada às necessidades individuais, respeitando as suas escolhas e as suas prioridades.

Conclusão

De acordo com o que foi dito nos capítulos que integram o enquadramento teórico, podemos concluir que a Pedagogia Social, enquanto disciplina específica das ciências da educação, refere-se aos processos de educação e formação ao longo da vida, desenvolvidos numa perspetiva de solidariedade social. Estes processos de educação e formação ao longo da vida são cruciais no sentido da capacitação humana de todas as pessoas.

Reconhecemos assim a importância da educação nos processos de desenvolvimento humano, partindo da convicção de que a intervenção sociopedagógica desempenha um papel fundamental junto de grupos vulneráveis, como é o caso das pessoas em situação de sem-abrigo.

Neste âmbito os educadores sociais são profissionais que desempenham um papel fundamental na promoção do desenvolvimento humano, bem como no bem-estar e inclusão social de todas as pessoas e comunidades. Intervém numa pluralidade de contextos socioeducativos com a responsabilidade de promover a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e equitativa, ajudando as pessoas a superar desafios, a adquirir novas aprendizagens e conhecimentos, bem como a participar ativamente na sociedade. Assim, os educadores sociais estão preparados para este tipo de intervenção, segundo uma lógica de aprendizagem pautada por valores tais como a proximidade, hospitalidade, relação humana e serviço. São estas, no essencial, as linhas orientadoras resultantes do enquadramento teórico que nos concederam pistas para enquadrar o estudo empírico apresentado na segunda parte.

Parte II
Estudo empírico

Introdução

No seguimento do que foi dito, esta segunda parte centra-se na descrição do estudo empírico referente a um estudo de caso, enquadrado por uma abordagem qualitativa, visando identificar e analisar o papel da intervenção sociopedagógica para a inclusão das pessoas em situação de sem abrigo, nomeadamente através da ação dos educadores sociais.

O caso de estudo refere-se a uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) situada no Norte do país, que integra nas equipas de trabalho educadores sociais e voluntários. Para efeitos de estratégia de desenvolvimento, e conforme será descrito, optou-se pela consulta documental e pela inquirição direta de atores, feita através de entrevistas semiestruturadas, tendo por base uma declaração de Consentimento Livre e Informado assinado por todos os participantes, seguindo assim os procedimentos éticos da investigação científica.

Assim, esta segunda parte é composta por três capítulos, sendo que o primeiro é direcionado à justificação da opção metodológica, o segundo capítulo é dedicado à contextualização da pesquisa, e de seguida apresenta-se o terceiro e último capítulo, direcionado à apresentação e discussão dos dados.

Capítulo 1 – Justificação da opção metodológica

1.1. Questão e Objetivo de Investigação

Recordamos que o presente trabalho tem como questões de estudo a intenção de saber em que medida as estratégias de inclusão social de pessoas em situação de sem-abrigo contemplam práticas de intervenção sociopedagógica e qual o papel dos educadores sociais no desenvolvimento dessas práticas.

Para tal, foram definidos três objetivos fundamentais:

1. Identificar as principais motivações para trabalhar com pessoas em situação de sem-abrigo
2. Identificar e analisar práticas da intervenção sociopedagógica para a inclusão das pessoas em situação de sem-abrigo;
3. Identificar e analisar as perceções dos atores profissionais sobre as necessidades de formação no âmbito do trabalho com as pessoas em situação de sem-abrigo.

Para efeitos de processamento crítico de dados, estes objetivos funcionaram como categorias de análise principais, oportunamente desdobradas em subcategorias de acordo com os significados emergentes do processo de pesquisa, conforme se descreve mais adiante.

1.2. Estratégia de Desenvolvimento

Tal como foi dito, optámos por um estudo de caso enquadrado por uma abordagem qualitativa, inscrita num paradigma interpretativo, recorrendo a duas técnicas de pesquisa fundamentais, a consulta documental e a inquirição direta de atores. Como refere Luís Pardal e Eugénia Soares Lopes (2011, p. 33) o estudo de caso corresponde “(...) a um modelo de análise intensiva de uma situação particular (caso). Tal modelo, flexível no recurso a técnicas, permite a recolha de informação diversificada a respeito da situação em análise, viabilizando o seu conhecimento e caracterização.”.

Para este efeito, inicialmente foi realizado o mapeamento das instituições do distrito do Porto (anexo nº1), que intervêm junto das pessoas em situação de sem-abrigo, tendo por base documentos oficiais disponíveis nos sites das respetivas instituições.

A instituição que serve de base ao nosso estudo, está situada no norte de Portugal e será designada por instituição “X”. Para tal, interagimos de forma próxima com a equipa técnica e voluntários que integram a entidade, conseguindo deste modo uma maior aproximação às pessoas em situação de sem-abrigo, ouvindo e conhecendo as suas histórias de vida, seguindo assim o modelo de Aprendizagem em Serviço (ApS), que inspira o nosso Curso de Mestrado “(...) que visa combinar a aprendizagem académica com os serviços prestados à comunidade de forma a dar prioridade ao estudo dos problemas que afetam os/as portugueses/as, com especial atenção para as pessoas e grupos humanos mais vulneráveis.” (UCP, 2022, p.2).

A análise documental utiliza “(...) métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos.” (Sá-Silva, Almeida & Guindani, 2009, p.5). Assim, mais abaixo seguem os documentos consultados durante a pesquisa, por forma a tornar o nosso estudo mais sustentado e rico.

- Relatório do Desenvolvimento Humano 2021-2022- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento;
- Relatório de Desenvolvimento Humano 2019-2020- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento;
- Declaração Mundial sobre Educação para Todos- Conferência de Jomtien- 1990;

- Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo - Inquérito de caracterização das Pessoas em Situação de Sem-Abrigo-31 DE Dezembro de 2020;
- ENIPSSA- Plano de ação 2021-2023;
- ENIPSSA-Dados relativos à caracterização das pessoas em situação de sem-abrigo, do ano de 2019
- Folheto de Divulgação- NPISA do Porto;
- Medidas e Respostas dos NPISA;
- Plano Municipal para a Pessoa em Situação de Sem-Abrigo;
- ENIPSSA (2017-2023) - Estratégia Nacional de Integração para as Pessoas em Situação de Sem-Abrigo;
- Declaração Universal dos Direitos Humanos;
- Relatório de Monitoramento Global da Educação – Inclusão e educação: Todos, sem Exceção -2020;
- Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da vida – Comissão das Comunidades Europeias - 2000;
- Educação Um Tesouro a Descobrir- Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI- 1996;
- Estado da Educação 2020- Edição 2021

Utilizamos também, como instrumento de recolha de dados a inquirição direta de atores, através de entrevistas semiestruturadas, desse modo, como refere John Creswell (2014, p.194), as entrevistas são “(...) uma importante característica colaborativa, uma vez que a história emerge a partir da interação, da troca, do diálogo entre entrevistador e participantes.”

Para a realização do nosso estudo, contamos com a participação de seis participantes, sendo que três são licenciados em Educação Social a exercer funções na intervenção socioeducativa com pessoas em situação de sem-abrigo e três voluntários,

que desenvolvem a sua ação junto do mesmo público. Os três educadores sociais têm mais de cinco anos de experiência junto deste público-alvo. Apenas dois dos voluntários tem formação superior e os restantes têm o ensino secundário, sendo que nenhum dos três tem formação específica na área. Assim as entrevistas foram realizadas durante os meses de maio e junho de 2023, de acordo com a disponibilidade dos participantes.

Os participantes foram selecionados conforme a experiência nesta área. De seguida apresentamos, a caracterização dos participantes, ver quadro 1, identificados como atores profissionais, tendo em conta o género, a idade, formação académica e funções que desempenham à data da realização da entrevista.

Quadro 1 – Caracterização dos participantes

Participante	Género	Idade	Formação	Funções que desempenha
E1	Feminino	44 anos	Licenciatura em Educação Social Mestrado em Ciências da Educação com especialização em Pedagogia Social	Gestão do Banco Local de Voluntariado; Acompanhamento da Rede de Intervenção em Violência Doméstica; Acompanhamento psicossocial de pessoas em situação de sem abrigo em contexto de equipa de rua
E2	Feminino	45 anos	Licenciatura em Educação Social Mestrado em Ciências da Educação com especialização em Pedagogia Social	Acompanhamento psicossocial de pessoas em situação de sem abrigo em contexto de equipa de rua
E3	Feminina	53 anos	Curso profissional de Prótese Dentária	Técnica de prótese dentária; voluntária na IPSS
E4	Feminina	41 anos	Licenciatura em Educação Social	Acompanhamento psicossocial de pessoas em situação de sem abrigo em contexto de equipa de rua
E5	Feminina	49 anos	Licenciatura em Saúde Ambiental	Saúde Pública; voluntária na IPSS
E6	Feminina	37 anos	Licenciatura em Educação Básica	Socia gerente numa empresa de construção; voluntária na IPSS

Sousa, 2023

Através da leitura do quadro 1, constatámos que os participantes são todos do género feminino e apresentam idades compreendidas entre os 37 e os 53 anos. Podemos constatar também que no decorrer das entrevistas as educadoras sociais têm experiência mínima de 5 anos na área e duas têm o Mestrado em Ciências da Educação com especialização em Pedagogia Social, quanto às voluntárias, não apresentam formação em

Educação Social, nem têm qualquer tipo de formação relacionada para intervir com as pessoas em situação de sem-abrigo. No entanto, observamos uma variedade ao nível da formação, o que nos permitiu confirmar a multiplicidade da formação académica dos participantes constituintes do grupo em estudo.

No que diz respeito às funções desempenhadas, podemos constatar que todas as participantes acumulam funções o que por vezes impossibilita a disponibilidade desejada para a colaboração e participação nas atividades do respetivo grupo. Em concordância com esta caracterização, podemos constatar que apesar da maioria dos participantes não apresentarem formação na área, apresentam características diferenciadoras no seu contributo junto da intervenção com as pessoas em situação de sem-abrigo.

Todas as entrevistas foram realizadas presencialmente, tendo a duração aproximada de 30 minutos cada entrevista. Estas tiveram em conta um guião previamente elaborado (anexo 2) e ficaram registadas em áudio, para facilitar a transcrição das mesmas e pudermos ser o mais fiéis possível ao discurso do entrevistado.

Todos os participantes foram devidamente esclarecidos sobre os objetivos e as condições deste estudo, cumprindo assim os requisitos éticos necessários. No mesmo sentido, foi assegurado o respeito pela privacidade e confidencialidade, recorrendo à codificação apresentada por “E” e os números conforme as entrevistas.

Não podemos deixar de referir que todo o nosso trabalho teve em conta e respeitou todos os princípios do Código de Ética e de Conduta da UCP e da Carta Ética SPCE,

Os/As participantes têm direito a ser plenamente informados e esclarecidos sobre todos os aspetos relativos à sua participação na investigação, bem como a alterar os termos da sua autorização, podendo, inclusive, retirar o seu consentimento, em qualquer altura da investigação. Cabe aos/as investigadores/as informar previamente os/as participantes, ou seus representantes legais, sobre a natureza, os objetivos e a metodologia, benefícios e possíveis riscos da investigação, dispondo-se a prestar os esclarecimentos necessários ao longo de todo o processo de investigação. (Carta Ética da SPCE, 2020, p.11).

Neste sentido, todos os participantes foram devidamente informados e tiveram todo o sigilo, para tal preencheram e assinaram o Consentimento Livre e Informado (anexo 3) e aceitaram participar voluntariamente no estudo, estando conscientes da sua natureza e implicações posteriores.

1.3. Critérios de análise e discussão de dados

De acordo com os objetivos da investigação e a opção metodológica escolhida, os dados foram organizados e analisados conforme as categorias previamente definidas. As entrevistas foram transcritas na sua totalidade, tendo havido uma preocupação com o detalhe em cada uma das transcrições, (anexo 4) de forma a ir ao encontro fiel dos sentimentos, preocupações e experiências verbalizadas pelos atores.

Assim, para efeitos de apresentação procuramos estruturar e organizar os dados recolhidos utilizando tabelas, e quadros sinóticos, sempre que se justifique, principalmente no que diz respeito à inquirição direta de atores.

Por esta razão, ao longo do trabalho, encontramos em destaque, fragmentos do discurso dos entrevistados. De realçar que todo o nosso trabalho teve sempre em conta as recomendações éticas para a investigação em Ciências da Educação, nomeadamente o código de Ética e Conduta da Universidade Católica, que no seu artigo 11º, alíneas b) e c) nos diz que “o investigador deve assumir uma conduta ética na sua relação com a comunidade científica, com a instituição e o acolhimento, com a instituição de financiamento e com todos os sujeitos que participam no processo de investigação”.

Tal como já foi dito anteriormente, para efeitos de análise, os três objetivos definidos inicialmente vigoraram como categorias principais, tendo estas mesmas sido desdobradas em subcategorias, depois da realização e transcrição das entrevistas, por forma a facilitar o trabalho à investigadora.

De notar que todos os participantes colaboraram de forma notável com a investigação, tendo dado testemunhos pessoais muito para lá do que lhes foi perguntado, evidenciando assim a necessidade que estes atores têm de serem ouvidos e compreendidos.

Capítulo 2 – Contextualização da pesquisa

2.1. O que são Instituições Particulares de Solidariedade Social

As Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) surgiram em Portugal como parte de um movimento de promoção do bem-estar social e da assistência aos grupos mais desfavorecidos da população. A sua origem remonta ao período pós-Revolução dos Cravos, que ocorreu em 25 de abril de 1974, e que marcou o fim da ditadura e o início de um período de transformações sociais e políticas em Portugal.

As IPSS foram criadas no contexto de um esforço conjunto entre o Estado, a Igreja Católica e as organizações da sociedade civil para fornecer serviços sociais e de assistência social às comunidades mais vulneráveis. Em 1976, a Constituição Portuguesa, promulgada após a Revolução dos Cravos, estabeleceu princípios de solidariedade social e o dever do Estado de promover o bem-estar e a justiça social. Essa constituição foi fundamental na criação de um ambiente propício ao surgimento e ao desenvolvimento das IPSS.

As Instituições Particulares de Solidariedade Social, são organizações sem fins lucrativos em Portugal, dedicadas a prestar serviços sociais, de saúde, educacionais e de apoio a pessoas em situação de vulnerabilidade e necessidade, desempenham um papel importante na promoção do bem-estar e na prestação de cuidados às comunidades locais.

De acordo com o artigo 1º do Estatuto das Instituições Particulares de Solidariedade Social (EIPSS) aprovado pelo Decreto-Lei nº 119/83, de 25 de Fevereiro, são Instituições Particulares de Solidariedade Social, as instituições constituídas por iniciativa de particulares, sem finalidade lucrativa, com o propósito de dar expressão organizada ao dever moral de solidariedade e de justiça entre os indivíduos, que não sejam administradas pelo Estado ou por um corpo autárquico, para, entre outros, prosseguir os seguintes objetivos:

- ✓ Apoio a crianças e jovens;
- ✓ Apoio à família;
- ✓ Proteção dos cidadãos na velhice e invalidez e em todas as situações de falta ou diminuição de meios de subsistência ou de capacidade para o trabalho;

- ✓ Promoção e proteção da saúde, nomeadamente através da prestação de cuidados de medicina preventiva, curativa e de reabilitação;
- ✓ Educação e formação profissional dos cidadãos;
- ✓ Resolução dos problemas habitacionais das populações.

As IPSS são importantes, tal como nos diz Carlota Quintão (2011, p.14) “(...) pela sua história e papel na implementação do sistema de proteção social, pelo seu forte crescimento quantitativo e pela sua expressividade territorial e económica, assume uma grande relevância na recomposição do terceiro sector em Portugal”.

Segundo Hélia Gavino (2014, p. 39):

de acordo com o artigo 2.º do EIPSS, as IPSS podem ser de natureza associativa ou de natureza fundacional e podem revestir as seguintes formas jurídicas:

- Associações de Solidariedade Social;
- Associações de Voluntários de Ação Social;
- Associações de Socorros Mútuos ou Associações Mutualistas (Mutualidades);
- Irmandades da Misericórdia (ou Santas Casas da Misericórdia);
- Fundações de Solidariedade Social.

Podem ainda agrupar-se em Uniões, Federações e Confederações.

As regras e regulamentos específicos variam de acordo com cada país e podem ser supervisionados por diferentes órgãos governamentais ou ministérios responsáveis pela área social, saúde, entre outras. O objetivo é assegurar que as IPSS atuem de forma ética, eficiente e em conformidade com as diretrizes estabelecidas, visando o bem-estar das pessoas que recebem seus serviços.

Para Anabela Isidoro (2013, p.18) “A relação entre as IPSS e o Estado é regulada por três conjuntos de diplomas legais, a saber: a Constituição Portuguesa, a Lei de Bases da Segurança Social e o Estatuto das IPSS”. Assim sendo, as Instituições Particulares de

Solidariedade Social devem desde o início ter um projeto ou criar um projeto com base nas necessidades que pretendem amenizar. As IPSS procuram dar resposta a situações de emergência social e apoiar os cidadãos mais vulneráveis.

2.2. Caso de Estudo – Instituição Socioeducativa X

O nosso foco incidiu num grupo localizado na zona do grande Porto e incluiu vários atores de uma instituição. Antes de darmos início ao nosso estudo e a fim de o mesmo ir de encontro às reais necessidades, como referimos no ponto anterior, foi realizado um levantamento de todas as instituições da zona do grande Porto que intervêm com este público. Neste mesmo levantamento de instituições procuramos analisar todas as associações que intervêm com pessoas em situação de sem-abrigo, as valências/respostas sociais, a capacidade de resposta e os respetivos horários das mesmas.

Tal como nos diz Glória Serrano (2008), no levantamento das necessidades procede-se à recolha de informações sobre a realidade, é fundamental conhecer a natureza socioeconómica, sociofamiliar e sociocultural da realidade observada, bem como conhecer o público-alvo, sendo crucial mapear os recursos e potencialidades no contexto da prática.

A instituição escolhida foi uma Instituição Particular de Solidariedade Social, fundada em 21 de novembro do ano de 2000, à qual foi atribuído estatuto de utilidade pública. Encontra-se em funcionamento desde 2 de janeiro de 2002, mediante a celebração de um Acordo.

Na origem da sua fundação esteve a necessidade de dar continuidade e ampliar a intervenção social levada a cabo por um projeto que atuou no território durante 5 anos e cujo término ocorreu em 31 de dezembro de 2001. Inerente à sua fundação e consolidando-se na sua identidade construída ao longo dos anos, está a intervenção especializada com indivíduos e famílias em exclusão ou em risco de exclusão social.

Enquadrando uma Equipa Técnica multidisciplinar, constituída por Assistentes Sociais, Educadores Sociais, Psicólogos, Animador Cultural e Ajudantes, a instituição tem um profundo conhecimento da realidade social local e tem-se constituído, verdadeiramente, como uma estrutura polivalente, dinâmica e empreendedora na organização de respostas integradas, face às necessidades globais dos públicos a quem se dirige, agindo de forma preventiva e minimizando os efeitos da pobreza, do isolamento e

da exclusão social, assumindo-se como mobilizador e dinamizador de um projeto de desenvolvimento social, fomentando o envolvimento das pessoas, famílias, grupos sociais, comunidade em geral e órgãos do poder local.

Numa procura incessante de melhor servir a comunidade, ajustando as respostas às necessidades da população, a instituição procedeu à revisão do seu acordo de cooperação com a Segurança Social. Esta revisão permitiu individualizar o Atendimento e Acompanhamento Social como uma resposta autónoma (com acordo atípico celebrado para o efeito) e proceder à revisão do acordo de cooperação para a resposta Centro Comunitário, diversificando as suas ações. Esta reformulação possibilitou reforçar a equipa técnica afeta ao Atendimento e Acompanhamento Social com mais três profissionais e melhorar a eficiência dos serviços prestados.

Capítulo 3 - Análise e discussão de dados

3.1. Motivações dos atores para trabalhar com pessoas em situação de sem-abrigo

Os dados recolhidos relativamente à primeira categoria, referente à motivação dos atores, neste caso, os educadores sociais e os voluntários, em termos gerais foi possível concluir que se trata de pessoas particularmente sensibilizadas em relação a este grupo humano.

Após a análise de dados, foi possível constatar que existem traços comuns no que diz respeito às motivações dos atores que intervêm com pessoas em situação de sem-abrigo:

(...) o gosto pela área da exclusão e a importância do trabalho realizado com as pessoas em situação de sem-abrigo, o poder ajudar, defender e apoiar a pessoa num momento de maior fragilidade emocional, social, psicológico e económico. (E4)

Sobretudo perceber que cada vez mais há quem mais precise e quem menos ajude. (E6)

Quando comecei havia qualquer coisa cá dentro que me dizia que eu precisava de ajudar, primeiro porque tinha dois irmãos toxicodependentes e um deles eu não sabia do paradeiro dele e havia aqui um chamamento que me dizia, tens de ir, é aquela coisa de ir na rua e ver uma pessoa deitada num vão de escadas e dar-lhe uma sopa, uma palavra amiga e isso para mim começou-me a encher o coração, o primeiro dia digo-te que não foi nada fácil (...) eu experimentei e vi que realmente a realidade era totalmente oposta àquilo que eu estava a pensar, porque as pessoas julgam muito, ai eles estão assim porque querem, mas não, não é assim. (E3)

Os participantes referiram alguns aspetos que intensificam as suas motivações para trabalhar com pessoas em situação de sem-abrigo, uma vez que gostavam de fazer a diferença na vida deste público. Também sentem a necessidade de estabelecer ligação com as histórias de vida das pessoas com quem estão a intervir:

(...) conhecer as pessoas que estão integradas nesse fenómeno (...). (E2)

(...) nem todas têm um projeto de vida já definido, por isso a motivação partiu sempre de: não sendo um público que eu escolhi, mas que acabei por estar a trabalhar, conhecer cada um deles e perceber qual era a sua história de vida, a curiosidade, não de conhecer o fenómeno, mas de conhecer mesmo as pessoas. (E2)

O que me mantém motivada é a tentativa de resolução dos problemas com que estas pessoas se deparam no seu dia a dia. (E4)

Quis fazer voluntariado por uma questão pessoal, estava a passar por uma fase menos positiva na minha vida, e as vezes precisamos de ver o outro lado, para percebermos que afinal não estamos assim tao mal, além do facto de querer ajudar quem precisa, foram uma das maiores motivações (E6)

Ao mesmo tempo reconhecem que o trabalho com estas pessoas nem sempre é fácil. Muitas vezes enfrentam vários desafios, que os interpela a encontrar respostas imediatas, no entanto, o que recebem das pessoas em situação de sem-abrigo impele-os a continuar a intervenção:

(...) precisamos de ver o outro lado, para percebermos que afinal não estamos assim tão mal, além do facto de querer ajudar quem precisa, foram uma das maiores motivações. (E6)

Se ao fim de oito anos e tal, se ainda me afeta, afeta-me muitas situações, principalmente crianças, pessoas de idade, temos tido muitas, afeta-me. Na altura eu tento ser o mais fria possível, tentar ajudar na hora, mas o depois, o que levas, levas muita coisa por muito que não queiras. Muitas pessoas dizem-me, como é que tu consegues? Tenho de conseguir, eu não posso estar ali a mastigar naquele assunto, porque senão na semana a seguir eu não posso ir, e eu não podendo vir, eu vou-lhes fazer muita falta, muitas das vezes eu fico sem chão, mas se eu não vou reagir, então como é que é, ninguém vem ajudar. (E3)

Os participantes demonstraram que quando têm os valores pessoais alinhados com os valores profissionais a importância da intervenção tem um significado impactante em ambas as vertentes:

Quando temos os mesmos valores pessoais alinhados com os valores profissionais, é a maior gratificação que podemos ter. Recebemos sempre mais do que damos ao outro. (E1)

A importância deste trabalho é toda, cada vez mais, nós vemos famílias inteiras sem conseguirem muitas vezes dar comida aos filhos, roupa, etc. e se todos nós conseguíssemos fazer um bocadinho, isto era muito mais fácil e melhor. (E6)

No meu caso é mesmo realização pessoal, é uma coisa que eu gostava e sinto me muito realizada assim, a puder ajudar e a ver os resultados (...). (E5)

(...) eu sinto que eles na semana a seguir, por muito que seja uma pessoa nova esta semana, eles para a semana já te veem com outros olhos e com outro carinho e outro à vontade, não se sentindo tao abandonados. (E3)

Os participantes referiram que ter a oportunidade de acompanhar as conquistas das pessoas em situação de sem-abrigo significa ter a possibilidade de testemunhar e apoiar os sucessos e realizações pessoais que enfrentaram. Isso envolve estar presente para acompanhar e celebrar os momentos em que essas pessoas superam desafios, alcançam metas pessoais, encontram habitação estável, conseguem empregos, recuperam a independência ou conquistam qualquer objetivo que represente uma melhoria em suas vidas. Acompanhar essas conquistas é um indicador de mudança e de que a intervenção fez a diferença na vida daquelas pessoas:

(...) acompanhar a celebração de pequenas vitórias. (E2)

(...) estabelecer uma relação de confiança, quando as suas próprias redes estão frágeis. (E4)

A felicidade, os sorrisos, nós vamos lá para dar comida, mas também vamos para dar muita alegria. Temos alguns casos que acho que mais do que as fomes biológicas têm fome emocional. (E6)

Gratificante, não considero que seja um trabalho difícil, porque não é, para quem gosta de lidar com pessoas, para quem está à vontade com isso, não é. (E6)

(...) ver a evolução deles apesar de recentemente após a Covid, o grupo mudou, aparecem muitas pessoas estrangeiras, mas ver essencialmente a evolução deles, começaram assim e, entretanto, alguns arranjam emprego, ouvem os nossos conselhos. (E5)

Ao nível pessoal os participantes apontam que para uma intervenção eficaz é necessário ter sensibilidade e disponibilidade para ouvir, com o objetivo de conhecer cada um deles, e perceber qual é a sua história de vida:

Acima de tudo o querer conhecer, (...) então parte muito desta ideia de quem são aquelas pessoas, porque estão naquela situação e o que é que pretendem dali, nem todas têm um projeto de vida já definido. (E2)

Se eles quiserem a minha ajuda eu dou-lha, não vou julgar, seja no que for, a nível de assistente social, de hospital, etc. (E3)

Se tu os abordares com calma e se eles confiarem em ti, podes ir onde quiseres, agora se fores para lá a matar, eles vão reagir da mesma forma (...). (E3)

Os participantes referiram também que apesar deste já ser um fenómeno abordado pela sociedade atual, ainda não existem respostas viáveis e adequadas às necessidades de cada um:

(...) Por exemplo, aparece-te uma situação de sem-abrigo hoje, há a hipótese de poder ligar para o 144 e eles dão-te uma noite de dormida, só uma, mas não podes ser alcoólico, toxicod dependente, não pode ter doenças contagiosas, e há partida as pessoas em situação de sem abrigo vão fazer parte de um desses grupos, estão-te logo a pôr de parte, se tiveres algum problema destes, porquê? É um ser humano, muitos deles tornam-se alcoólicos quando vêm para a rua, porquê? Porque o álcool para além de ser a fuga deles, alimentam-os, porque tem açúcar. (E3)

Os participantes referiram ainda que a intervenção com as pessoas em situação de sem-abrigo exige muita responsabilidade, e que apesar de alguns serem voluntários e não existir qualquer tipo de remuneração, se mantêm motivados, unidos e comprometidos para dar às pessoas em situação de sem-abrigo uma melhor qualidade de vida e sobretudo promover a dignidade humana e a inclusão:

Estive 2 semanas de férias, mas antes de ir deixei tudo organizado, para que não falhasse nada (...) mesmo com a falta de voluntários, eu não me importo, nem que vá sozinha (...) muitos deles já estão nesta situação há anos e não saem, isto porque, as coisas estão muito caras. (E3).

Sabes qual é a sensação, de tu lhes dares muitas vezes o saco para a mão, (...) o consolo de terem uma sopa, eles adoram sopa, uma comida. (E3)

(..) É por eles, porque eu penso, eu estou aqui a comer um prato quente, mas eles não, por exemplo, eu não consigo jantar à sexta-feira antes deles, só depois (...) depois de eles comerem, de estar tudo servido, aí sim já vou jantar tranquila (...) (E3)

De facto, percebemos que todos participantes se sentem motivados para trabalhar com as pessoas em situação de sem-abrigo. Aliada à motivação, é notório o compromisso para com este público, ou seja, apesar das dificuldades que vão surgindo, os aspetos gratificantes da intervenção dão significado às práticas.

Por fim, os participantes reconhecem a importância das suas práticas, uma vez que estão a contribuir para dar resposta às reais necessidades das pessoas em situação de sem-abrigo, com o propósito de promover a dignidade humana, a inclusão e a justiça social. Com Gilbert Clave (2004, p. 182) é crucial colocar as pessoas em situação de sem-abrigo “(...) no centro das políticas e das práticas, reconhecê-los como actores (...)”. Portanto, a intervenção não visa apenas abordar as carências materiais, mas também a promoção de competências pessoais e sociais e dos direitos fundamentais de todas as pessoas, garantindo que ninguém seja deixado para trás e que todos tenham oportunidades iguais.

3.2. Práticas de intervenção sociopedagógicas

A segunda categoria, concerne as práticas de intervenção sociopedagógicas e através da recolha de dados, foi possível constatar que os participantes que têm formação em Educação Social-Pedagogia Social demonstram competências e conhecimentos específicos para uma transformação positiva.

Trabalhar com pessoas em situação de sem-abrigo é uma experiência profundamente impactante e desafiadora. Esta é uma realidade complexa que requer sensibilidade, compaixão e um entendimento abrangente das questões sociais envolvidas, tendo sempre como referência os valores da Pedagogia Social.

Os participantes descrevem a experiência de trabalho com as pessoas em situação de sem-abrigo como uma experiência árdua, em que é crucial que o apoio seja contínuo, para que realmente possam fazer uma diferença significativa na vida dessas pessoas:

Não pudemos com este grupo de pessoas estar à espera de que vamos conseguir cumprir aqueles objetivos, desenvolver aquelas atividades, naquele espaço de tempo, porque eles são muito voláteis, os objetivos têm de ser mais prolongados e esperar para ver como é que eles vêm. (E2)

Qualquer trabalhador social nesta área precisa de perceber que, ao trabalhar com estas pessoas não somos nós que lhes vamos ditar o que é que é melhor fazer, não pudemos forçar para que a pessoa aceite o que estamos a desenhar para ela, só porque nós conseguimos ver que é melhor para ela. Eu posso ver, mas só quando a própria pessoa vir também é que vai aderir; penso que o que é mais urgente é que qualquer pessoa que vá trabalhar com este grupo, vá desde logo com esta ideia que nos pudemos ter todas as boas intenções, pudemos ter todas as visões, todos os objetivos para aquelas pessoas, mas se aquela pessoa não estiver preparada, capaz de ver, não adianta. (E2)

A experiência, ou seja, nós também acabamos por conhecer um bocadinho de cada uma das pessoas e isso também nos dá algum arcaboço, para ganhar alguma experiência, algum traquejo (E6)

O caminho de relação humana e apoio a pessoas em situação de sem-abrigo é marcado por uma série de momentos que vão muito além de simplesmente prestar

assistência. Cada encontro, conversa e experiência partilhada com estas pessoas podem se tornar pontos de reflexão significativos, repletos de emoções, lições e conexões humanas profundas.

Estes momentos significativos muitas das vezes surgem da singularidade de cada história de vida. Cada pessoa em situação de sem-abrigo carrega consigo um universo de experiências, desafios e sonhos. Ao interagir com estas pessoas, os participantes foram confrontados com a riqueza da diversidade humana, muitas vezes obscurecida pela situação difícil em que as pessoas em situação de sem-abrigo se encontram:

O chegar às pessoas, o elas quererem, terem vontade de contar a história (...) conseguido mesmo estabelecer relação. (E2)

Mais impactante (...) quando uma pessoa que já esteve em situação de sem-abrigo veio ter connosco para nos contar como a situação dele tinha alterado, um em 6 anos e meio, veio ter connosco para nos contar, agradecer a nossa disponibilidade e contou-nos como tinha conseguido dar a volta à situação, que estava a trabalhar, que tinha alugado uma casa ... aconteceu uma situação de sucesso por ele próprio. (E2)

(...) consoante iam identificando mais coisas em si e o falar em voz alta para os outros sobre o que descobriram em si através das dinâmicas que íamos fazendo ... mais direitos, olhavam mais uns para os outros, o ir apresentar à frente, já não iam envergonhados, já não iam cabiz baixo... o valorizar cada coisinha, que mais pequena que seja, que vai ajudar a endireitar a coluna, deixar de sentir cabiz baixo. (E2)

A interação diária com as pessoas em situação de sem-abrigo é uma oportunidade para estabelecer laços sociais, reconhecendo a dignidade e os direitos daqueles que muitas vezes são marginalizados pela sociedade. Esta interação é um equilíbrio entre responder às necessidades imediatas e estabelecer uma base para uma mudança a longo prazo:

(...) é preciso mesmo conhecer a pessoa que está por trás daquele corpo sujo, daquela barba por fazer, há alguém e quem é esse alguém? (E2)

(...) todos os dias são diferentes, porque podiam vir um dia em que vinham alcoolizados, podiam vir um dia em que vinham bem, vinham outro dia porque tinham discutido com a assistente social Havia dias muito bons, havia dia muito maus (...). (E2)

A interação diária com as pessoas em situação de sem-abrigo é extremamente próxima, informal e sempre de encontro às necessidades e vontades das pessoas. (E4)

E para conseguirmos saber lidar e estar com todo o tipo de pessoas que nos aparece, porque há pessoas que as vezes precisam de um cuidado diferente, no sentido em que não têm uma comunicação tao fluída como outras. (E6)

Uma boa interação, mesmo durante a semana eu percebo que mantêm contacto, as pessoas responsáveis pelo grupo com as pessoas em situação de sem abrigo. (E5)

Assusta-me um bocadinho, principalmente assuntos de droga e álcool, quando eles se “passam”, não é um termo muito bonito, mas, quando estão bem e de repente ficam agressivos, é difícil de nós controlarmos, a gente consegue controlar porque temos posições estratégicas e sabemos e percebemos quem é que está ali a iniciar uma zaragata ou mais alterado, para mim é uma situação difícil. (E5)

(...) há dias que até te chateias porque eles pegam-se, mas depois fica tudo bem. Eu não vindo, sinto falta e fico preocupada. (E3)

A intervenção com as pessoas em situação de sem-abrigo é uma área complexa que apresenta uma série de desafios e retribuições. Neste contexto, os desafios muitas vezes são correlacionados com as retribuições, resultando numa dinâmica única. Este tema coloca em evidência as dificuldades da colaboração dos técnicos que intervêm com as pessoas em situação de sem-abrigo e os obstáculos que podem surgir ao mesmo tempo em que proporciona recompensas significativas para aqueles que se dedicam a este trabalho essencial:

(...) as pessoas estão fragilizadas e não se conhecem e não se identificam, estão completamente anuladas e sem energia nenhuma para conseguirem avançar. (E2)

(...) o celebrar as pequenas vitórias, mas para que se consiga que haja uma pequena vitória, tem de haver um trabalho muito grande antes, então exige muito de nós é desgastante (...). (E2)

(...) então eu passei com eles 4 meses em que fizemos módulo a módulo, para eles puderem tomar consciência das suas competências pessoais, sociais, transversais, para desenhar um projeto de vida Era muito engraçado perceber a mudança de postura corporal de módulo a módulo (...). (E2)

Os desafios é testar, perceber o que é que posso dizer, dou um passo atrás? Toco, não toco? são os desafios constantes de irmos percebendo o que funciona com aquela pessoa e não funciona Com o tempo vai se percebendo que aquela pessoa que não se podia tocar, já permite que lhe toque (...) a retribuição não pode ser expectável, mas deve ser observável e para isso eu tenho que estar atenta, olhar sempre para eles e conhecê-los. (E2)

Os momentos mais significativos ou impactantes são aqueles em que as situações proporcionam alterações nas trajetórias de vida das PSSA, por mais pequenas que sejam, acabam por se revelar extremamente impactantes, como por exemplo, conseguir desbloquear consultas de acompanhamento médico (ganhar a confiança da PSSA para reativar consultas médicas), ou aquelas que provocam mudanças mais profundas, como por exemplo, quando conseguem alugar um quarto/uma casa. (E4)

Os desafios que encontro nesses momentos são dar uma resposta direcionada, atingível e adequada. Muitas das vezes, aquilo que sinto é que as pessoas com quem trabalhamos confiam no nosso trabalho, que somos dedicados à sua causa e que lutamos com eles. Como tal, a maior parte das vezes, a retribuição é positiva e sentimos que confiam mais em nós do que em outros técnicos (de saúde, da segurança social, etc.). (E4)

(...) ou até a darem nas coisas, mesmo eles ainda nos conseguem dar, tampinhas, olha a semana passada deram uma caixinha cheia de dióspiros, lá está, eu tinha uma ideia diferente das pessoas em situação de sem abrigo, só de sem abrigo- rua e não, é rua, é pessoas em casa, mas com muitas necessidades, há quem ache que já não tem mais nada a perder e só sobrevive. (E5)

O desafio é não perdermos a motivação, é essencialmente isso porque lá está, encontra-se de tudo, há quem valorize, há quem não valorize (...) (E5)

Os participantes referiram que diariamente enfrentam desafios socioemocionais. Enfrentar todos os dias a extrema vulnerabilidade, o sofrimento e a marginalização das pessoas em situação de sem-abrigo tem impacto profundo e nem sempre é fácil de gerir emocionalmente pois sente-se frustração diante da escassez de recursos e da falta de soluções de longo prazo para a situação daquele público:

(...) aprendi a não ter expectativas, expectativa é igual a frustração, porque quanto mais alta, vem a frustração a seguir, então não esperar nada, ouvir, devolver e estar disponível Então saber lidar com a expectativa, saber lidar com a frustração e esperar que venha a pequena vitória, mas estar sempre lá disponível, isso é que foi o mais difícil de trabalhar com as pessoas. (E2)

Há muitos sentimentos envolvidos... quanto mais nós demonstramos os nossos, mais a pessoa vai sentir abertura para o fazer, agora é encontrar um lugar, onde eu não me envolvo demais e onde a pessoa também não fica dependente de mais, nós somos pessoas a cuidar de pessoas (...). (E2)

(...) são sentimentos muito variados que nós só temos é que perceber com a experiência, nós próprios também que estamos na intervenção, a que isso não nos influencie demasiado, é difícil, os sentimentos estão todos lá, pudemos é optar por esconder, se for melhor naquela situação ou optar por mostrar se for melhor naquela situação também, mas isso vem com a experiência. (E2).

Irmos com o sentimento de escutar, conhecer, avaliar, para depois devolver à pessoa de acordo com o que ela quiser fazer, mas nunca ir com a intenção de que é isto que é o melhor para si, é por aqui (...). (E2)

Relativamente a desafios socio emocionais, é lidar com a falta de respostas e recursos disponíveis para esta população, respostas que dependem de um nível mais macro (sociedade), e isto surge como um obstáculo ao trabalho de intervenção. Por isso, saber

lidar com a minha frustração perante a falta de respostas sociais adequadas a esta população é um enorme desafio. (E4)

As vezes deixamo-nos envolver um bocadinho nas vidas, mas temos de saber fazê-lo, temos de estar um bocadinho preparados para as histórias que vamos encontrar, temos de saber dar a mão, saber estar. (E6)

(...) ver miúdos jovens a dizer que não têm nada a perder e só estão ali a sobreviver, faz-me um bocadinho de confusão. (E5)

As práticas de intervenção sociopedagógica fazem a diferença na intervenção com as pessoas em situação de sem-abrigo. O trabalho com pessoas em situação de sem-abrigo envolve lidar com desafios complexos, como problemas de saúde mental, dependência de substâncias, histórias de trauma, falta de acesso a recursos básicos, entre outros fatores. Essa complexidade exige proximidade, criar relação humana, compreensão, empatia e a capacidade de lidar com situações imprevisíveis.

A abordagem de trabalho com pessoas em situação de sem-abrigo deve ser centrada na pessoa. Isso significa reconhecer a dignidade e a autonomia de cada pessoa e trabalhar lado a lado com elas é fundamental para identificar metas e soluções que sejam relevantes para as suas necessidades e desejos pessoais, pois como refere Ana Camões (2019, p. 96) “Podemos contribuir poderosamente dando a ajuda que eles mesmos desejam e não aquela que nós achamos mais urgente.”.

Portanto, as práticas sociopedagógicas desempenham um papel fundamental na intervenção com pessoas em situação de sem-abrigo, pois contribuem para uma abordagem holística e de longo prazo para a resolução dos problemas associados a esse público. Como referem Adalberto Dias de Carvalho e Isabel Baptista (2004, p. 31) é urgente promover uma “(...) transformação que permita restaurar a plenitude da cidadania e, com ela, do sujeito que a protagoniza.”, bem como promover a capacitação e o desenvolvimento humano, promovendo a inclusão social e a justiça.

3.3. Percepções dos atores sobre as necessidades de formação sociopedagógica

Os dados recolhidos relativamente à terceira categoria, dizem respeito às percepções dos atores sobre as necessidades de formação sociopedagógica. Em termos gerais foi possível constatar que os participantes sentem necessidade de formação, baseada nos valores da Pedagogia Social, fundamentadas pela relação humana e proximidade. Constatámos que os participantes entendem que a intervenção deve ser pautada pela proximidade, empatia, criação de laços sociais, respeito e compreensão das circunstâncias individuais de cada pessoa em situação de sem-abrigo.

Neste sentido, os participantes referiram que o perfil dos atores que intervêm com as pessoas em situação de sem-abrigo deveria ser muito específico:

Precisamos de ser bons ouvintes, bons observadores, pacientes, criativos, aceitar desafios, sem medos (...). (E2)

(...) a pessoa tem de ter mesmo este perfil de estar disponível para reações a imprevistos, estarmos capazes de ter expectativas nível zero, estarmos capazes de ser verdadeiras, genuínas, para mim o perfil passa muito por ser genuíno, verdadeiro, disponível e sem expectativa nenhuma, não querer mudar o mundo. (E2)

Penso que perfil de uma pessoa que intervém esta área, independentemente da sua formação académica, será a defesa dos direitos das pessoas em situação de sem-abrigo, saber lidar com o stress e com a falta de respostas concretas e adequadas às situações e contextos. (E4)

(...) O querer, o querer ajudar, muita alegria e o sentido de solidariedade. (E6)

Acho que tem de ser uma pessoa que tenha sensibilidade, que tenha humildade, que goste de trabalhar com pessoas. (E5)

Segundo os participantes, os atores que intervêm com pessoas em situação de sem-abrigo geralmente já possuem um conjunto diversificado de características e habilidades para lidar com as complexidades dessas situações. Estas características e habilidades são essenciais para que os atores possam promover um apoio adequado e eficaz, trabalhando

para contribuir na reintegração social e na melhoria da qualidade de vida das pessoas em situação de sem-abrigo. Além disso, demonstram competências diferenciadoras, ao adaptar-se a situações variadas, mantendo uma abordagem individualizada e a capacidade de resolução de problemas de forma criativa e ágil, são competências que se destacam neste campo de atuação. Estes profissionais demonstram resiliência, ética profissional e a capacidade de trabalhar em rede. Assim, identificaram alguns dos traços que consideraram fundamentais:

(...) nós pudemos ter um fio condutor, mas não temos um corredor, por isso nós precisamos de ter muita criatividade, muita agilidade para lidar com as pessoas. (E2)

O estar disponível, o ouvir e o ver e esta capacidade de improviso (...). (E2)

(...) ser o trabalhador da proximidade, o trabalhador no terreno, o trabalhador da relação, estas competências que nós temos de trabalhar no terreno diretamente com a pessoa, esta competência de relação, esta competência de proximidade, é o perfil do educador social, por isso, o perfil do educador social adequa-se perfeitamente à intervenção com este grupo. (E2)

A principal qualidade é a perseverança. As características e habilidades que facilitam a intervenção são uma comunicação simples e adequada às pessoas com quem trabalhamos, bem como a empatia, saber ouvir a pessoa (escuta ativa). (E4)

As competências do educador social que podem ser diferenciadoras para intervir com pessoas em situação de sem abrigo são o poder da comunicação informal, que é fundamental que tenham em conta necessidades das pessoas em situação de sem-abrigo, bem como a dificuldade que têm no estabelecimento de uma relação de confiança. Deverá ter em linha de conta o seu estado de saúde mental destas pessoas e responder às suas necessidades de forma efetiva para promover o seu bem-estar. Providenciar suporte que é fundamental para combater a solidão, providenciar segurança e contribuir para o aumento da autoestima. (E4)

Estarmos aptos a ouvir, a ajudar, a conhecer um bocadinho de cada um, pronto percebermos em termos de grupo, e eu acho que é isso que acontece aqui, perceber a evolução deles. (E5)

Tem de ser um coração mole, mas ao mesmo tempo um coração duro na hora, e o mole vir só depois, ser uma pessoa prática e que seja uma pessoa fixa naquilo que esta a fazer, tem de ser uma pessoa coerente, meiga. (E3)

A motivação para a formação na intervenção com pessoas em situação de sem-abrigo, sobretudo visível nos educadores sociais, é fomentada pela necessidade de fazer a diferença na vida daqueles que enfrentam circunstâncias extremamente desafiadoras, bem como ter a possibilidade de adquirir novas ferramentas para os novos problemas das sociedades modernas. Essa vontade de ter formação para intervir com pessoas em situação de sem-abrigo também é motivada pela aspiração de compreender melhor as complexidades com as quais se deparam no dia-a-dia, desenvolver competências especializadas e adquirir conhecimentos práticos para uma intervenção mais eficaz, com o objetivo de procurar soluções inovadoras e eficientes para ajudar a reintegrar estas pessoas na sociedade:

Assim, a motivação para a procura de formação manifesta-se na convicção de que cada pessoa merece dignidade, respeito e oportunidade de uma vida melhor, independentemente das circunstâncias em que se encontram. As pessoas que procuram formação para intervir com pessoas em situação de sem-abrigo são motivados por um forte senso de justiça social e pela vontade de ser agentes de mudança positiva na comunidade:

(...) trabalharmos esta questão mais prática da intervenção, eles têm de ser cativados pela diferença, cativados pela curiosidade, por fazer algo de diferente e inovador, mas que lhes responda, não uma formação retirada de um programa que já esta traçada, não, para eles tem de ser aberto, quanto mais lhe estimular a curiosidade, mais os conseguimos cativar. (E2)

Acho que procuraria algo que fosse diferenciador, algo que tivesse a ver com respostas habitacionais mais adequadas e que fossem de encontro às necessidades das pessoas em situação de sem-abrigo. (E4)

Aprendermos a lidar com a parte da toxicodependência, prostituição, famílias disfuncionais, gestão de emoções, tentar saber gerir esta parte nas pessoas. (E6)

Acho importante terem formação, aliás, devia ser um requisito obrigatório porque noto isso. (E5)

Formações para nos ajudar a lidar com estas pessoas, com a toxicodependência. (E3)

Os participantes, neste caso os educadores sociais, referiram que se tivessem oportunidade, gostariam de ter mais formação em ética e em Pedagogia Social, para serem mais bem capacitados para lidar com as complexidades atuais. É fundamental que as formações tenham uma abordagem holística e multidisciplinar, focada em preparar os atores para valores comuns, bem como para compreender, apoiar e trabalhar eficazmente com aqueles que se encontram à margem da sociedade:

Os temas que considero importantes serem trabalhados com os atores que intervêm nesta área são as políticas e respostas sociais orientadas para os direitos humanos e intervenção comunitária com pessoas em situação de sem-abrigo (...). (E4)

(...) formação sociopedagógica, formação que nos prepare para uma intervenção para os valores (...). (E2)

(...) é importante termos formação na ética e nos direitos humanos (...). (E1).

(...) a nível social, acho que é mesmo a nível de carácter social de cidadania (E5)

Ao reconhecer adequadamente a variedade de necessidades das pessoas em situação de sem-abrigo, é possível promover não apenas a recuperação individual, mas também construir uma comunidade mais compassiva e inclusiva, onde todos tenham a oportunidade de alcançar o seu potencial máximo. Esta consciência é essencial para promover mudanças significativas e duradouras na vida das pessoas em situação de sem abrigo.

Assim, com Isabel Baptista (2008b, p.20) “As pessoas – todas as pessoas – são seres únicos, misteriosamente em trânsito e em desenvolvimento e, nessa condição, partilhando «o mesmo barco» na aventura de ser mais, melhor, diferente.” Portanto, a formação para os valores é fundamental e “(...) esta conceção faz a diferença na intervenção socioeducativa permitindo conceber os modelos de intervenção a partir de uma visão pedagógica e positiva, distinta da visão tradicional que sustenta o trabalho social em resposta a problemas previamente sinalizados.” (Vaz & Baptista, 2021, p.77889). À vista disso, Ana Camões (2019, p. 69) mostra que “quer uns quer outros vivem, ou melhor sobrevivem em “terras de ninguém” sem identidade própria, apenas lugares de passagem, sem regras, em que cada um procura subjugar o outro impondo-se pelo ter. Por fim, Cristina Palmeirão (2007, p.128) refere que é fundamental “Combinar o respeito, a dignidade, a autonomia e a solidariedade é, de facto, a melhor receita para a construção de uma cidadania activa e participativa.”, pelo que é fundamental dar voz e rosto a todos os intervenientes neste contexto de intervenção.

Conclusão

Os dados recolhidos e analisados permitem-nos concluir acerca da importância de as estratégias de inclusão social contemplarem práticas de intervenção sociopedagógica dirigidas para as pessoas em situação de sem-abrigo. Também foi possível concluir sobre o papel fundamental dos educadores sociais no desenvolvimento dessas práticas. Os dados também nos mostraram que as estratégias de inclusão social que incluem abordagens sociopedagógicas, são importantes para dar resposta às necessidades básicas, mas também de aprendizagem das pessoas em situação de sem-abrigo, pois a intervenção não pode apenas passar por fornecer abrigo e assistência imediata. É fundamental que se capacite este público para a autonomia e para o desenvolvimento humano.

Portanto, os educadores sociais desempenham um papel essencial nesse contexto, pois são especialistas em implementar estratégias de aprendizagem e capacitação adaptadas às necessidades específicas de cada pessoa. Eles trabalham diretamente com as pessoas em situação de sem-abrigo, dando orientação, suporte socioemocional e oportunidades de aprendizagem ao longo da vida. Além disso, ajudam a criar ambientes promotores de inclusão social e o desenvolvimento humano. Dessa forma, os educadores sociais desempenham um papel vital na promoção da inclusão e na melhoria da qualidade de vida das pessoas em situação de sem-abrigo.

Também foi possível concluir que a experiência de lidar com pessoas em situação de exclusão social amplia significativamente a sensibilidade em relação aos problemas enfrentados pelas sociedades modernas. Isso ocorre porque essas pessoas estão na margem mais extrema da exclusão social, enfrentando desafios significativos. Essa interação consciencializa sobre as complexidades e as injustiças presentes na sociedade, inspirando os atores profissionais a serem mais empáticos e a pensar em estratégias de intervenção diferenciadoras.

Por fim, os atores profissionais sentem necessidade de ter formação em Pedagogia Social e em ética, pois é necessário que haja uma formação que muna os profissionais com estratégias inovadoras, com uma abordagem prática na intervenção, que garanta que as práticas sejam moralmente justificáveis, que respeitem os direitos e a dignidade das pessoas, que promovam a justiça social e contribuam para o desenvolvimento positivo das comunidades e indivíduos envolvidos.

Considerações Finais

No final deste percurso, constatámos que um dos fatores que contribuiu para o sucesso da intervenção é a relação de proximidade e confiança que é estabelecida pelo saber matricial e pelos valores da Pedagogia Social. Os educadores sociais são promotores privilegiados da condição humana, comprometidos com o desenvolvimento humano e com a promoção de uma cidadania ativa e solidária. Neste processo, reafirmaram a importância de se assumirem como profissionais de proximidade e de relação, “(...) da não desistência e da não indiferença (...)” (Carvalho & Baptista, 2004, p. 96).

Ficou patente a importância de uma preparação que oriente e sustente uma prática que se quer valorativa, pois como os próprios participantes referiram, é importante que existam respostas concretas às “(...) necessidades sociais, numa lógica de inclusão e de justiça social e no contributo do desenvolvimento de competências pessoais, sociais e cognitivas e da promoção dos direitos fundamentais do ser humano.” (E1).

As práticas sociopedagógicas devem promover o envolvimento e a participação ativa das pessoas em situação de sem-abrigo, tarefa extremamente desafiante e exigente, sobretudo quando a voz das pessoas é calada pela desmotivação, desinteresse e pela falta de confiança pessoal. Portanto, é importante que exista uma forte implicação das pessoas que não querem ou que não estão em condições para se envolverem e participarem, pelo que exige dos atores perseverança e uma capacidade para superar as frustrações e constrangimentos que daí advêm.

Neste sentido, a intervenção sociopedagógica desempenha um papel crucial no apoio às pessoas em situação de sem-abrigo. Esta população enfrenta desafios significativos e complexos e a intervenção sociopedagógica é essencial para promover e melhorar a qualidade de vida, e reintegrá-los na sociedade. Segundo Isabel Baptista (2015, p.15) “(...) importa valorizar a especificidade (...) a adoção de uma visão pedagógica inerente à lógica da educação produz efeitos ao nível das dinâmicas de produção e conhecimentos social, com impactos significativos nas mentalidades e nas metodologias de intervenção.”

O acesso à educação e formação é uma das várias razões pelas quais a intervenção sociopedagógica com este público é importante. Muitas pessoas em situação de sem-abrigo têm lacunas na educação e formação. Uma intervenção sociopedagógica facilita o acesso a programas de educação, e cursos que aumentam as suas competências e também ofertas de emprego. O papel da educação e da intervenção social, diz respeito à contínua

melhoria das ações, e têm como objetivo promover a resolução de problemas e a inclusão social. Assim, identificamos a educação como a procura do conhecimento específico, dentro do mundo da pedagogia, enquanto a integração social diz respeito à “(...) experiência da ação no terreno do trabalho social (...)” (Cardoso & Moreira, 2017, p.1).

Quanto à adaptação às necessidades individuais, as competências sociopedagógicas permitem que os educadores sociais avaliem as necessidades individuais de cada pessoa em situação de sem-abrigo e desenvolvam planos de aprendizagem personalizados para abordar objetivos. No que diz respeito ao desenvolvimento de competências sociais e de vida, os educadores sociais contribuem para o desenvolvimento de competências essenciais para a sobrevivência e para a reintegração através de competências de comunicação, resolução de conflitos, e procura de emprego. Isabel Baptista (2015, p.52) diz-nos que os indivíduos não são “(...) nem meros recursos, nem meros beneficiários, os indivíduos são reconhecidos como autores do seu próprio destino e, como tal, protagonistas privilegiados de um viver em comum (...)”, apresentando a educação como um “desafio ético” ou ação que é intencionalmente dirigida para a promoção da humanidade em cada ser humano.

No que se refere à redução do estigma e empoderamento, através da educação e do desenvolvimento de competências, as pessoas em situação de sem-abrigo ganham confiança e autoestima, contribuindo para a redução do estigma associado à falta de casa e capacita as pessoas a procurar oportunidades. Assim, “A capacitação é necessária para se poder elaborar e executar as estratégias destinadas a satisfazer as necessidades detetadas no processo de conhecimento da realidade.” (Caride, 2007, p.122).

Em relação à melhoria da qualidade de vida, o desenvolvimento de competências práticas, tais como higiene pessoal, cuidados com a saúde, culinária, promovem-se assim as competências sociopedagógicas que são importantes para a melhoria da qualidade de vida das pessoas em situação de sem-abrigo. Cardoso e Moreira, (2017, p.2), veem a educação “(...) como um dos principais motores que favorecem o desenvolvimento humano, cultural e socioeconómico de um país (...)”. Os mesmos autores (2017, p.3) dizem ainda que, a educação pode constituir “(...) um fator decisivo na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, capaz de promover uma sustentabilidade económica e, acima de tudo, promotora de bem-estar social global (...)”.

Quanto à preparação para o emprego, através das competências sociopedagógicas, é possível preparar as pessoas em situação de sem abrigo para o mercado de trabalho,

permitindo a capacitação profissional e orientação na procura de emprego, capacitando-as para alcançar empregos e se tornarem autossuficientes.

Por outro lado, para o desenvolvimento da cidadania ativa recorreremos à educação cívica e à consciência dos direitos e deveres cívicos que podem ser incorporadas por meio das competências sociopedagógicas, incentivando a participação ativa na comunidade e à defesa dos direitos dessas pessoas. Isabel Baptista (2015) refere que o “desenvolvimento social”, deve ter em conta que cada elemento da sociedade deve ter a oportunidade de participar nos assuntos da comunidade em que vive, assim como ter a responsabilidade de se envolver ativamente na resolução dos próprios problemas da comunidade.

No que diz respeito à reintegração na sociedade, através das competências sociopedagógicas é possível capacitar as pessoas em situação de sem-abrigo a reintegrarem-se na sociedade, pois adquirem competências para se envolverem de maneira produtiva em comunidade.

É de extrema importância lutar pelos direitos das pessoas em situação de exclusão social e trabalhar para garantir que esses direitos sejam reconhecidos e respeitados em todos os setores da sociedade. Isso implica defender políticas e práticas que promovam a igualdade, a inclusão e o acesso a oportunidades para aqueles que mais precisam. Além disso, é fundamental trabalhar para que essas questões sejam priorizadas nas agendas de diferentes instituições e organizações, a fim de criar uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Assim, as competências sociopedagógicas desempenham um papel vital em capacitar e melhorar a qualidade de vida das pessoas em situação de sem-abrigo, proporcionando a permissão para a reintegração na sociedade e a conquista de uma vida mais estável e digna. Pelo que é crucial que os atores que intervêm com pessoas em situação de sem-abrigo tenham formação para os valores, que as práticas sociopedagógicas sejam valorizadas. Os educadores sociais partilharam que sentem necessidade de ter formação contínua, uma formação que os capacite “(...) mais com ideias diferentes, com estratégias diferentes, para lidar com este público-alvo (...)” (E2). Uma formação em ética e em Pedagogia Social, pois é um “(...) conhecimento educacional inovador, característico e pertinente, com importância crucial na formação dos educadores sociais (...)” (Vaz & Baptista, 2023, p. 77889), seja na formação inicial, como na contínua. Por sua vez, os voluntários sentem a diferença na ação dos educadores sociais pois no que concerne as estratégias de intervenção estas são “(...) estratégias

criativas e inovadoras (...).” (E2), contudo, não reconhecem a necessidade de ter formação.

Reconhecemos os constrangimentos existentes na escolha do estudo de caso e devido à opção metodológica adotada, devido à proximidade do investigador com o tema, contudo, consideramos que foi uma opção adequada, tendo em conta a riqueza dos testemunhos recolhidos. À luz destas conclusões, seria importante, futuramente, ouvir os próprios sujeitos, as pessoas em situação de sem-abrigo, pois como tivemos oportunidade de ouvir através da voz de uma pessoa em situação de sem-abrigo “precisamos de voz, de rosto e quem oiça e conte a nossa história”.

Bibliografia

- Amado, J. (2011). Ciências da Educação – Que Estatuto Epistemológico? *Revista Portuguesa De Pedagogia*, 45-55. https://doi.org/10.14195/1647-8614_Extra-2011_4
- Amado, J. (Coord). (2017). *Manual de investigação qualitativa em educação* (3ª ed). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amaro, R. (2003). Desenvolvimento - um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria. *Desenvolvimento e Saúde em África*, 4(2), 35-70. <http://hdl.handle.net/10071/3186>
- Azevedo, J. (2007). Aprendizagem ao longo da vida e regulação sociocomunitária da educação. *Cadernos De Pedagogia Social*, (1), 7-40. <https://doi.org/10.34632/cpedagogiasocial.2007.1909>
- Azevedo, J. (2009). A educação de todos e ao longo de toda a vida e a regulação sociocomunitária da educação. *Cadernos De Pedagogia Social*, (3), 9-34. <https://doi.org/10.34632/cpedagogiasocial.2009.1934>
- Azevedo, J. (2011). *Liberdade e Política Pública de Educação: ensaio sobre um novo compromisso social pela educação*. Fundação Manuel Leão.
- Baptista, I., (2005). *Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético*. Profedições.
- Baptista, I. (2007a). Capacidade Ética e Desejo Metafísico: Uma Interpelação à Razão Pedagógica. Edições Afrontamento.
- Baptista, I. (2007b). Políticas de alteridade e cidadania solidária – as perguntas da Pedagogia Social. *Cadernos de Pedagogia Social*, (1), 135-151. <https://doi.org/10.34632/cpedagogiasocial.2007.1920>
- Baptista, I (2008a). Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares. *Revista Hospitalidade*, 5(2), 5-14. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/150>
- Baptista, I. (2008b). Pedagogia Social: uma ciência, um saber profissional, uma filosofia de acção. *Cadernos De Pedagogia Social*, (2), 7-30. <https://doi.org/10.34632/cpedagogiasocial.2008.1922>
- Baptista, I. (2012). Ética e Educação Social – interpelações de contemporaneidade. *Revista Interunivseritaria de Pedagogia Social*, 9, 37-49. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=135025474003>

- Baptista, I. (2015). Educação e políticas sociais – valores, conceitos e práticas. *Laplage Em Revista*, 1(1), 9-16. <http://dx.doi.org/10.24115/S2446-62202015111p.9-16>
- Baptista, I. (2017). Investigar em Pedagogia Social: razões, oportunidades e desafios. *Trama Interdisciplinar*, 8, 18-25. <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/23428/1/Investigar%20em%20pedagogia%20social.pdf>
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora.
- Camões, A. (2018). *Formação Contínua e Ethos Profissional - O caso dos Educadores Sociais em Portugal* [Dissertação de Doutoramento não-publicada]. Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa.
- Camões, A. (2019). *Trajetórias de Vulnerabilidade: Perceção Subjetiva e Objetiva da Condição do «Novo Pobre»*. Sílabas & Desafios.
- Camões, A., Vaz, C., Machado, R., & Sá, S. (2020). Profissionais da Educação Social: Desafios contemporâneos. *Humanidades & Tecnologia (FINOM)*, 27(1), 6-19.
- Cardoso, R., & Moreira, D. (2017). Da Educação à Intervenção Social: a construção do conhecimento na transformação da realidade. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 5, 1-5. <https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.05.2373>
- Caride, J. A. (2005). *Las fronteras de la Pedagogía Social: perspectivas científica e histórica*. Gedisa.
- Caride, J. A., Freita, O. & Callejas, G. (2007). *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local. Perspetivas Pedagógicas e Sociais da Sustentabilidade*. Profedições.
- Carmo, H. (2010). Rumos da intervenção social com grupos no início do século XXI. In O. Barata. *Política social e sociologia* (pp-103-187). ISCSP.
- Carneiro, R. (2001). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem*. Fundação Manuel Leão.
- Carneiro, R. (2003). Do sentido e da aprendizagem. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, 2, 109-123.
- Carvalho, A., & Baptista, I. (2003). A Pedagogia Social na revalorização do estatuto antropológico do sujeito. *Pedagogía Social. Revista Interuniversitária* (10), 181-193. <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/56493/2/adalbertocarvalhopegagogia000131250.pdf>

- Carvalho, A., & Baptista, I. (2004). *Educação Social. Fundamentos e estratégias*. Porto Editora.
- Clabel, G. (2004). *Sociedade de Exclusão: Compreendê-la para dela sair*. Porto Editora.
- Comissão das Comunidades Europeias. (2000). *Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida*. SEC.
<https://dne.cnedu.pt/dmdocuments/Memorando%20sobre%20Aprendizagem%20Longo%20da%20Vida%20pt.pdf>
- Comissão das Comunidades Europeias. (2001). *Tornar o espaço de aprendizagem ao longo da vida uma realidade*. COM.
<https://dne.cnedu.pt/dmdocuments/Com.%20Europ.-Aprendizagem%20ao%20longo%20da%20vida.pdf>
- Conselho Nacional de Educação. (2021). *Educação em tempo de pandemia*. CNE.
https://www.cnedu.pt/content/iniciativas/estudos/Educacao_em_tempo_de_Pandemia.pdf
- Creswell, J.W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa. Escolhendo entre cinco abordagens*. Penso Editora LTDA.
- Delors, J. (1998). *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI* (7ª. Ed.). Edições ASA.
- Faure, E. (1972). *Aprender a Ser. Relatório da Comissão Internacional sobre o Desenvolvimento da Educação*. Bertrand.
- Gastal, S. & Moesch, M. (2007). *Turismo, políticas públicas e cidadania*. Aleph.
- Gavino, H. (2014). *O papel das Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) na economia social: o caso do concelho de Peniche*. Escola Superior de Gestão e Tecnologia, Instituto Politécnico de Santarém.
- Giddens, A. (1992). *Consequências da modernidade*. Celta Editora.
- Gohn, M. G. (2010). *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*, 28-43. Cortez.
<https://doi.org/10.22347/2175-2753v1i1.1>
- Gonçalves, J. L. (2009). Aprender na e com a vida – a problematização da experiência como processo de consciencialização. *Cadernos De Pedagogia Social*, 3, 35-44.
<https://doi.org/10.34632/cpedagogiasocial.2009.1935>
- Ilharco, F. (Coord.). (2021). *A Sociedade do Cuidado. Cuidar do outro, de si e do mundo no século XXI*. Universidade Católica Editora.

- Isidoro, A. (2013). *Os Determinantes da Eficácia Organizacional na Resposta Social Centro de Dia, do Centro de Bem Estar Social da Zona Alta de Torres Novas – uma abordagem multistakeholder*. Escola Superior de Gestão e Tecnologia, Instituto Politécnico de Santarém.
- Jares, X. (2007). *Pedagogia da Convivência*. Profedições.
- Levitas, R. (2003). *The idea of Social Inclusion*. University of Bristol.
- Mateus, M. N. (2012). O educador social na construção de pontes socioeducativas contextualizadas. *Revista de educação*, 4(1), 60-71. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/7726/1/87-335-1-PB.pdf>
- Miguel, M., Ornelas, J. & Maroco, J. (2010) Modelo de atitudes face aos sem-abrigo em Portugal. *Análise Psicológica*, 3, 437-450. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v28n3/v28n3a05.pdf>
- Oliveira, M. M. (2012). *Como fazer pesquisa qualitativa*. Editora Vozes.
- Palmeirão, C. (2007). O esforço do nosso tempo. *Cadernos De Pedagogia Social*, 1, 125-134. <https://doi.org/10.34632/cpedagogiasocial.2007.1919>
- Palmeirão, C. (2016). Mediação pedagógica: o sucesso como paradigma. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, 16, 115-128.
- Pardal, L., & Lopes, E. S. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal.
- Paugam, S. (2003). *A Desqualificação Social. Ensaio sobre a Nova Pobreza* (vol. 6). Porto Editora.
- Peres, A. (2009). La cultura y los derechos humanos como suportes políticos y educativos de la interculturalidad. In J. A. Caride (Coord.), *Los derechos humanos en la educación y la cultura: del discurso político a las practicas educativas* (pp. 73-103). Homo Sapiens.
- Piketty, T. (2014). *Capital in the twenty-first century*. Harvard University Press.
- Quintão, C. (2011). *O Terceiro Sector e a sua renovação em Portugal: uma abordagem preliminar*. Universidade do Porto – Instituto de Sociologia.
- Ribeiro, M. H. M. da S. (2008). Direito ao trabalho e cidadania social- a educação ao serviço da solidariedade. *Cadernos de Pedagogia Social*, (2),151-162. <https://doi.org/10.34632/cpedagogiasocial.2008.1930>
- Roque Amaro, R. (2003). Desenvolvimento – um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria. *Cadernos de Estudos Africanos*, 4, 35-70.

- Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D. & Guindani, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, 1(1), 1-15. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8092817>
- Serrano, G. P. (2008). *Elaboração de Projetos Sociais: Casos Práticos*. Porto Editora.
- Telheiro, N. (2013) *Personalidades Sem-Abrigo*. Edição Livpsic.
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. (2000). O direito à educação: uma educação para todos durante toda a vida. Relatório Mundial sobre Educação. Asa.
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. (2005). A educação para o século XXI: questões e perspectivas. Artmed.
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. (2020). Education in a post-COVID world: Nine ideas for public action. International Commission on the Futures of Education (UNESCO). <https://en.unesco.org/news/education-post-covid-world-nine-ideas-public-action>
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (2021). *Reimagining our futures together: a new social contract for education*. International Commission on the Futures of Education (UNESCO). <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379707>
- Vaz, C. (2010). *Educação Social e Intervenção Sociocomunitária: O Educador Social numa «Comunidade de Aprendentes»* [Dissertação de mestrado não-publicada]. Universidade Católica Portuguesa.
- Vaz, C., & Baptista, I. (2021). Pedagogia Social e Inovação Socioeducativa – Imperativos de formação académica. *Brazilian Journal of Development*, 7(8), 77886-77898.
- Vaz, C., Baptista, I. (2023). Initial Training in Social Education: A Study About Teaching Profiles. In A. Mesquita, A. Abreu, J.V. Carvalho, C.H.P. de Mello, (Eds.), *Perspectives and Trends in Education and Technology. Smart Innovation, Systems and Technologies*, (pp.767-773). Springer. https://doi.org/10.1007/978-981-19-6585-2_68
- Vieira, A. (2016). Educação social, Pedagogia Social e Competências na Intervenção do Profissional. In A. Vieira, & R. Vieira (Eds.), *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações* (pp.25-38). Profedições.

Documentação Consultada

- Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas. (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.
https://www.ohchr.org/sites/default/files/UDHR/Documents/UDHR_Translation_s/por.pdf
- Associação Internacional de Cidades Educadoras. (2020). *Carta das Cidades Educadoras*.
https://www.edcities.org/wp-content/uploads/2020/11/PT_Carta.pdf
- Decreto-Lei n.º 119/83 de 25 de Fevereiro do Ministério da Justiça. Diário da República: I Série. Acedido a 20 de Maio de 2023. <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-lei/1983-165201113>
- Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas em Situação de Sem-abrigo. (2017). *Estratégia Nacional de Integração para as Pessoas em situação de sem-abrigo (2017-2023)*. <http://www.enipssa.pt/objetivos-estrategicos-e-metas>
- Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas em Situação de Sem-abrigo. (2020). *Estratégia Nacional de Integração para as Pessoas em situação de sem-abrigo*.
<http://www.enipssa.pt/documents/10180/11876/Inqu%C3%A9rito+de+caracteriza%C3%A7%C3%A3o+das+peessoas+em+situac%C3%A7%C3%A3o+de+sem-abrigo+%E2%80%93+31+de+dezembro+2020+%E2%80%93+Dados/f24216a3-476c-4e18-95f4-a8584b741f27>
- European Anti Poverty Network. (2021). Relatório Anual. EAPN.
<https://www.eapn.pt/wp-content/uploads/2022/05/relatorio-atividades-2021.pdf>
- European Federation of National Organisations . (2014). *Confronting homelessness in the european union 2014: A FEANTSA monitoring report*. FEANTSA.
- Global Compact Network Portugal. (2015). *A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. <https://globalcompact.pt/index.php/pt/agenda-2030>
- Instituto Nacional de Estatísticas. (2012)
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0006734&selT&xlang=pt
- Lei n.º. 107/2017 da Assembleia da República (2017). Diário da República n.º. 142/2017, Série I de 2017-07-25.
<https://files.diariodarepublica.pt/1s/2017/07/14200/0392303931.pdf>

- Ministério Público Portugal (1991). *Carta Social Europeia Revista*.
https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/carta_social_europeia_revista.pdf
- Organização das Nações Unidas. (2016). Leaving no one behind: the imperative of inclusive development. Report on the world social situation. <https://www.un.org/esa/socdev/rwss/2016/full-report.pdf>
- Parlamento Europeu. (2014). *Resolução do Parlamento Europeu sobre uma estratégia da EU para os sem-abrigo (2013/2994 (RSP))*.
https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/B-7-2014-0009_PT.pdf
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. (2019). *Relatório do Desenvolvimento Humano: além do rendimento, além das médias, além do presente – desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI*.
<https://hdr.undp.org/system/files/documents/hdr2019ptpdf.pdf>
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. (2020). *Relatório do Desenvolvimento Humano: A próxima fronteira. O desenvolvimento humano e o Antropoceno*. PNUD.
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. (2022). *Relatório do Desenvolvimento Humano 2021/2022: Tempos incertos, vidas instáveis – Construir o futuro num mundo em transformação*.
<https://hdr.undp.org/content/human-development-report-2021-22>
- Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. (2020). *Carta Ética da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (2ª ed.)*.
<https://www.spce.org.pt/assets/files/CARTA-TICA2.EDICAOFINAL-2020-COMPACTADO.pdf>
- UNESCO, UNICEF, PNUD & Banco Mundial. (1990). *World Conference on Education for All: Meeting basic learning needs. Jomtien, Thailand, 5-9 March 1990*. UNESCO.
- Universidade Católica Portuguesa. (2015). *Código de Ética e de Conduta da Universidade Católica Portuguesa*. https://m.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/CRP/UCP_CEC_out16_PT.pdf
- Universidade Católica Portuguesa. (2022). *Mestrado em Ciências da Educação. Pedagogia Social. 2022/2023*. UCP.

Webgrafia

<https://on.eapn.pt/cronologia/>

<https://www.feantsa.org/en>

<https://www.seg-social.pt/historia2>

Anexos

Anexo 1. Lista de Instituições que Intervém com pessoas em situação de sem-abrigo

Associação		Valências/ Respostas Sociais	Capacidade de Resposta	Percurso/Rondas/Periodicidade	Horário
Associação dos Albergues Noturnos do Porto	Centro de Alojamento Temporário-D. Margarida Sousa Dias	Serviço de Acolhimento Noturno	75 pessoas (60 Homens e 15 Mulheres) em todos os serviços prestados	_____	24Horas 365 dias
		Serviço de Alimentação			
		Serviço de Higiene e Vestuário			
		Serviço de Reabilitação e Reinserção Social			
	Centro de Alojamento Temporário - Campanhã	Serviço de Acolhimento Noturno	22 pessoas (22 Homens) em todos os serviços prestados	_____	24Horas 365 dias
		Serviço de Alimentação			
		Serviço de Higiene e Vestuário			
		Serviço de Reabilitação e Reinserção Social			
	Cantina Social	Serviço de Alimentação	100 refeições diárias de almoço e/ou jantar	_____	365 dias Almoço: entre as 12h30 e as 13h30 Jantar: entre as 19h30 e as 20h30
AMI- Assistência Médica Internacional	AMI- Centro Porta Amiga	Comunidade de Inserção	270 pessoas	_____	09h30- 17h30
		Acompanhamento Social			
		Ajuda Alimentar			
	Abrigo Noturno do Porto	Centro de Alojamento Temporário e Comunidade de Inserção	27 residentes		
		Alojamento para homens em idade ativa e aptos para integrar Trabalho/Formação			
		Alimentação			
		Balneários			
		Lavandaria			
		Gabinete de Emprego			
		Acompanhamento Social			
		Apoio Psicológico			
		Apoio de Enfermagem			
		Apoio Jurídico			

		Ateliês Ocupacionais			
	AMI-Equipa de Gaia	Equipa de Intervenção Direta	240 pessoas		
		Restaurante (almoço de segunda a sexta-feira)			
		Balneário			
		Roupeiro			
		Infoteca e Informações			
		Gabinete de Apoio Emprego (Voluntariado)			
		Gabinete Médico e Enfermagem (Voluntariado)			
		Psicologia			
		Serviço Social			
		Espaço Criança EPES (Espaço de Prevenção à Exclusão Social)			
		Espaço Dia			
		Grupo/ Ateliê ocupacional com Adultos			
Associação CAIS- Centro Porto		Acompanhamento Social	Acompanhamento Social – 45 pessoas Revista Cais- 20 pessoas Atividades- 25 pessoas	_____	Das 09h00 às 17h30
		Comunidade de Inserção			
		Formação estruturada para a Inserção Profissional			
		Mentoria			
		Oficina de Trabalho			
		Revista Cais- capacitação e remuneração a curto e médio prazo, cumulativo com RSI			
ACISJF- Associação Católica Internacional ao Serviço da		Atendimento / Acompanhamento Social	75 pessoas	_____	Das 09h30 às 14h00

<p>Juventude Feminina- Junta Diocesana do Porto</p>		<p>Fornecimento de almoços e reforço de jantar, de segunda-feira a sábado, das 12h00 às 14h00</p>		<p>_____</p>	
<p>ARRIMO- Organização Cooperativa para o Desenvolvimento Social e Comunitário, CRL</p>	<p>Projeto Elos- Gabinete de Apoio/ Equipa de Rua (Porto Oriental)</p>	<p>Acompanhamento Social</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apoio psicossocial; gestão de tarefa e de caso; encaminhamento e acompanhamento a estruturas da Rede Social <hr/> <p>Gabinete de Apoio</p> <ul style="list-style-type: none"> • Alimentação • Distribuição de vestuário e calçado • Balneário • Atividades ocupacionais • Ações de formação e desenvolvimento de competências básicas- saúde e melhor organização do quotidiano • Lavandaria em articulação com a Casa da Rua <ul style="list-style-type: none"> • Sala de Convívio • PSOBLE (clínica geral - para os utentes inscritos) <ul style="list-style-type: none"> • Serviço social, acompanhamento na deslocação a outros serviços, promoção da saúde – educação para a 	<p>-30 refeições (Limite) quentes diárias (pequeno-almoço, almoço, lanche e jantar)</p> <p>-Acesso ao balneário condicionado ao horário estipulado (12h00/12h30 e 16h30/17h30)</p> <p>-Enfermagem disponível entre as 10h00 e as 13h00 e as 14h00 e as 19h00</p> <p>- Acompanhamento no âmbito de PSOBLE (GA 30 utentes; UAM 100 utentes)</p>	<p>_____</p>	<p>Dias úteis (das 10h00 às 19h30) Feriados e fins de semana (das 10h30 às 13h00 e das 16h00 às 19h30)</p>

		saúde, rastreios e encaminhamentos)			
		Equipa de Intervenção Direta/ Equipa de Rua (Giro de Rua, PSOBLE, PTS, TAR e TOD, Rastreios, incluindo Klotho, Vacinação e cuidados de enfermagem, apoio psicossocial, apoio social, educação para a saúde)			
		Intervenção em Saúde <ul style="list-style-type: none"> Educação para a Saúde: PSOBLE, PTS, administração e gestão de medicação, cuidados de enfermagem, rastreios, encaminhamento e acompanhamento às consultas de especialidade (oftalmologia, saúde oral) 			
ABRAÇO- Associação de Apoio a Pessoas com VIH/Sida		Apoio Psicossocial	_____	_____	_____
		Apoio Domiciliário			
		Unidade Residencial			
		Centro Comunitário + Abraço			
Benéfica e Previdente – Associação Mutualista		Apartamentos de Autonomia – Alojamento	-Apartamentos de Autonomia – 2 apartamentos/5 residentes	_____	Apartamentos de Autonomia – não se aplicam Centro Comunitário/Centro de Convívio – Casa das Glicínias: de acordo com cada uma das
		Centro Comunitário / Centro de Convívio- Casa das Glicínias (lanche; distribuição de vestuário e calçado; cabazes alimentares; ginásio livre, ateliers ocupacionais (teatro, música,			

		artes plásticas, entre outras); ações de sensibilização)	-Centro Comunitário/Centro de Convívio – Casa das Glicínias: de acordo com cada atividade;		atividades; atividades em permanência
		Serviço de Apoio Domiciliário – Bonfim e Campanhã (alimentação, tratamento de roupas, higiene pessoal/higiene habitação, atividades socioculturais (sujeito a “comparticipação familiar”)	-Serviço de Apoio Domiciliário – Bonfim e Campanhã: 70		das 14h00 às 17h30; Serviço de Apoio Domiciliário – Bonfim e Campanhã: 8h30-16h30
		Centro de Convívio – Centro Histórico do Porto (lanche, ateliers ocupacionais; ações de sensibilização. (sujeito a “comparticipação familiar”)	-Centro de Convívio – Centro Histórico do Porto: 51		Centro de Convívio – Centro Histórico do Porto: 14h00 às 17h30
		Centro de Dia- Centro Histórico do Porto (pequeno-almoço, almoço, lanche, tratamento de roupa, ateliers ocupacionais; ações de sensibilização (sujeito a “comparticipação familiar”)	-Centro de Convívio – Centro Histórico do Porto: 30		Centro de Dia – Centro Histórico do Porto: das 09h00 às 17h00
		Serviço de Apoio Domiciliário – Centro Histórico do Porto (alimentação, tratamento de roupas, higiene pessoal/higiene habitação, atividades socioculturais (sujeito a “comparticipação familiar”).	-Centro de Dia – Centro Histórico do Porto: 90		Serviço de Apoio Domiciliário – Centro Histórico do Porto: 08h30-17h00
AFU- Associação de Familiares, Utentes e Amigos do Hospital de Magalhães Lemos		Unidades de Vida Protegida (Porto e Matosinhos)	Unidade Socio-Ocupacional – 25 utentes	_____	_____
		Empresas Sociais -2			
		Unidade Socio-Ocupacional			
AEDS-Associação de Educação e		Refeitório / Cantina Social	20 pessoas	_____	Almoço : 12:30 às 14h00 Jantar : 19h00 às 20h00

Desenvolvimento Social		Serviços Prestados na Resposta : refeitório com almoço e jantar todos os dias uteis			
Associação para o Planeamento da Família	Espaço Pessoa	Comunidade de Inserção	Comunidade de Inserção : 20 beneficiários		
		Equipa de Intervenção Direta/ Equipa de Rua			
		Comunidade de Inserção : Gabinete de Saúde (Enfermagem);Gabinete de Psicologia ; Gabinete de Serviço Social ; Valência Lúdico/ocupacional e de sensibilização/ informação; Balneário; Lavandaria; Rouparia ; Alimentação (Distribuição de Snacks); Rastreio de IST'S (Testes Rápidos; Programa de Troca de Seringas	Equipa de Intervenção Direta/ Equipas de Rua : 290 beneficiários		De Segunda a Sexta , das 18h30 às 24h00 Sábado : 19h00 às 02h00 Quarta Feira : 14h às 18h30
		Equipa de Intervenção Direta/ Equipas de Rua: Trabalhadores Sexuais Indoor/ Rua: Acompanhamento Psicossocial ; Vigilância de Saúde ; Distribuição de material contraceptivo e educação para a saúde geral : Educação para a saúde sexual e reprodutiva ; Rastreios de IST'S (Testes rápidos) Consumidores de Substancias Psicoativas : Programa de Troca de Seringas . Contexto Recreativo (Bares e Saunas HSH/Eventos Publicos): Distribuição de material contraceptivo ; Educação para a saúde sexual e reprodutiva ; Informação/Sensibilização e formação à comunidade			
ARS NORTE , I.P.- Administração	ACES GRANDE	Atendimento em consulta pela equipa de família (médico,enfermeiro,assistente social e secretário clínico)			

Regional de Saúde do Norte	PORTO VI- Porto Oriental	Atendimento médico e de enfermagem nas Unidades de Saúde do ACES(na consulta aberta, em cada unidade e no Atendimento Complementar , na Rua Faria Guimarães ,919/931- Paranhos, que se destina a situações agudas) com alargamento de horário durante a ativação do Plano de Contingência;			
		Ligação e articulação com equipamentos da comunidade e equipas de rua ,disponibilizando informações e contactos (email :usp.porto.oriental@arsnorte.min-saude.pt e 925598596			
		Divulgação do Plano de Contingência Local Saúde Sazonal Modulo Inverno (PCLSSMI), de alertas e recomendações			
		Vacinação, contra a gripe e de acordo com o Programa Nacional de Vacinação			
		Freguesias: Paranhos,Bonfim,Campanha			
	ACES Grande Porto V- Porto Ocidental	Atendimento em consulta pela equipa de família (médico,enfermeiro,assistente social e secretário clinico)			
		Atendimento medico e de enfermagem nas unidades de saúde do ACES			
		Ligação e articulação com equipamentos da comunidade e equipas de rua , disponibilizando informações e divulgação do Plano de Contigencia Local Saude Sazonal Módulo Inverno (PCLSSMI), De alertas e de recomendações			
		Vacinação, contra a Gripe e de acordo com o Programa Nacional de Vacinação			

		Freguesias : União de Freguesias de Aldoar , Foz do Douro, Nevogilde, União de Freguesias de Cedofeita , Santo Ildefonso , São Nicolau, Sé, Miragaia e Vitória , União de Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos, Ramalde			
Câmara Municipal do Porto/ Departamento Municipal de Coesão Social	Centro de Alojamento Temporário Joaquim Urbano	Alojamento Temporário	35 camas e 35 refeições diárias, apoio de enfermagem, médico e social	_____	24 horas/dia
		Refeições			
		Enfermagem			
		Apoio Médico			
		Higiene			
		Banco de Roupas			
		Atividade Lúdico Ocupacionais			
		Formação			
		Atendimento em Equipa Multidisciplinar			
	Rede de Restaurantes Solidários	Restaurante Solidário Joaquim Urbano	200 pessoas por restaurante ao jantar	_____	Das 20h00 às 22h30, todos os dias
Restaurante Solidário Batalha					
Restaurante Solidário Baixa					
Centro Social e Paroquial de São Nicolau		Não se aplica	_____	Das 09h30 às 12h30 e das 14h00 às 17h30	
	Centro comunitário				
	Acompanhamento Social				
	Dinamização de atividades de desenvolvimento pessoal e social				
	Distribuição de vestuário e calçado				
Centro Social e Paroquial de Nossa Senhora da Vitória	Centro Comunitário	Animação Sociocultural	100 pessoas	_____	Das 09h00 às 12h30 e das 14h00 às 17h30
		Serviço Social			
		Serviço de Psicologia			
		Apoio ao emprego			
		Intervenção Familiar			

	Casa da Amizade	Comunidade de Inserção	40 pessoas; 80 refeições diariamente		Das 11h00 às 20h00 (7 dias por semana /365 dias por ano)
		Serviço de Refeições			
		Balneário			
		Lavandaria			
		Apoio e acompanhamento psicossocial			
		Desenvolvimento de atividades de caráter lúdico-recreativo			
		Ações de informação/ sensibilização			
Centro Distrital do Porto- Instituto da Segurança Social, I.P	ISS, IP/CDIST do Porto/ Loja do Cidadão do Porto	Atendimento Geral	_____	_____	Segunda a sexta-feira, das 08h30 às 19h30; Sábado das 09h30 às 15h00
	ISS,IP/CDIST do Porto/ Balcão da Inclusão do Porto	Atendimento especializado sobre deficiência ou incapacidade	_____		Segunda a sexta-feira, das 09h00 às 13h00 e das 14h00 às 16h00
	Equipa de Triagem e Atendimento de Emergência	Triagem e Atendimento de Emergência a indivíduos em situação de sem-abrigo	_____		Segunda a sexta-feira, das 09h00 às 13h00 e das 14h00 às 16h00
	Linha Nacional de Emergência Social- LNES	Resposta imediata a situações que necessitem de atuação emergente e urgente, no âmbito da proteção social, bem como acessibilidade a um posterior encaminhamento/ acompanhamento social, numa perspetiva de inserção e autonomia	_____		Funcionamento ininterrupto, 24h por dia, todos os dias por ano
Cáritas Diocesana do Porto		Acompanhamento social	_____	_____	Acompanhamento Social- das 09h30 às 12h30 e das 14h00 às 18h00
		Distribuição de vestuário			
		Aconselhamento médico			
		Aconselhamento Jurídico			
		Apoio em géneros alimentares			

					Distribuição de vestuário – quarta-feira, às 14h00 Aconselhamento médico- quinta-feira, às 10h00 Aconselhamento jurídico- por marcação
Centro Social da Paróquia da Senhora da Conceição – Porta Solidária		Ajuda alimentar: jantar	Alimentação 190 refeições	_____	Alimentação de segunda a sexta-feira das 19h00 às 20h00 Distribuição de vestuário e calçado, kits de higiene pessoal: de segunda a sexta-feira, das 15h00 às 17h00 Serviço de enfermagem à terça-feira das 18h00 às 19h00
		Banco de roupa: distribuição de vestuário e calçado, kits de higiene pessoal			
		Serviço de enfermagem			
Norte Vida- Associação para a Promoção da Saúde		Acompanhamento social	Acompanhamento Social – 150 pessoas Centro de Alojamento Temporário – 17 pessoas Comunidade de Inserção – 20 pessoas Equipa de Intervenção Direta – N/A Programa de Emergência	_____	Funcionamento contínuo e permanente 24 horas por dias/365 dias por ano
		Centro de Alojamento Temporário			
		Comunidade de Inserção			
		Equipa de Intervenção Direta			
		Programa de Emergência Alimentar			
		Gabinete de Apoio a utilizadores de substâncias psicoativas			
		Equipa de Rua			
		Comunidade Terapêutica			
		Alimentação			
		Acolhimento Noturno			
		Distribuição de Vestuário e Calçado			
		Balneário			
		Distribuição de kits de higiene pessoal			
Consultas de especialidade					
Ateliê ocupacional com atividade de manualidades e expressão dramática,					

		programas de substituição opiácea, programa de troca de seringas, enfermagem, terapêutica combinada e observada, rastreios a infeções sexualmente transmissíveis	Alimentar – 88 refeições diárias Gabinete de apoio a utilizadores de substâncias psicoativas – N/A Equipa de rua – N/A Comunidade terapêutica – 20 pessoas		
Médicos do Mundo – Representação Norte		Acompanhamento Social	Acompanhamento Social- nas condições atuais (sem financiamento)- 5 Acompanhamento Saúde- 5 Equipa de Intervenção Direta na área do VIH Sida e IST's À data, foram contactadas 1151 pessoas	_____	Acompanhamento Social- das 10h30 às 18h30 Acompanhamento Saúde – por marcação Equipa de Intervenção direta na área do VIH Sida e IST's : segunda a sexta-feira das 15h30 às 24h00; sábados das 16h30 às 20h00; domingos das 15h30 às 24h00
		Acompanhamento Saúde			
SAOM- Serviços de Assistência Organizações de Maria		Equipa de Intervenção Direta – Projeto Porto de Abrigo		_____	Das 07h00 às 21h00 / 365 dias por ano
		Equipa de Redução de Riscos e minimização de danos – Projeto “Aqui e Agora”	284 pessoas		
		Equipa de Rua Conta'to – Unidade Fixa	200 pessoas		
		Formação-Projeto “ Dar Sentido à vida”	40 formandos		

		Centro de dia	90 utentes		
		Apoio domiciliário	75 utentes		
		Enfermagem	Sem limite		
		Lavandaria Social	100 utentes		
		Refeitório Social	45 utentes		
		Balneário			
Centro Comunitário São Cirilo		Comunidade de Inserção			
		Serviço de Alojamento Temporário	16+2 crianças (quarto familiar)		24 horas
		Serviço de Apoio em Refeições (almoço)	20		Das 12:15 às 13:15h
		Serviço de apoio em cabaz alimentar (semanal)	30		Das 17h00 às 19:30h
		Serviço de Apoio Permanente	Por marcação		Das 09:00h às 13h00 e das 14h30 às 17:30h
		Gabinetes de Atendimento (emprego, social, jurídico, psicologia e médico)			
		Ações de formação técnicas e humanas			
		Atividades lúdico-pedagógicas: alfabetização, aulas de Portugues , Ingles , Yoga, Informatica, etc			
		Serviços de Proximidade	Por marcação		
		Banco de Roupa			quinta feira das 10h30 às 12h00
		Balneário (com disponibilização de Kits de higiene pessoal)			Das 09.00h às 12h00
Espaço T- Associação para Apoio à Integração Social e Comunitária		Comunidade de Inserção			
		Consultas de especialidade – Psicologia e Serviço Social			
		Formação e Emprego			
		Ateliês ocupacionais: Informatica Otica Utilizador 3 ; Informatica Otica Utilizador 4	140 pessoas		
		Dança Inclusiva			

	Programa de Emergência Alimentar		67 refeições por dia	_____	11h30-12h00 ou 13h00-13h30 18h30-19:00h
	Habitação de Inserção	Alojamento Temporário	7 indivíduos	_____	
IEFP-Centro de Emprego e Formação Profissional do Porto		Atendimento geral/ atendimento personalizado			De segunda feira a sexta feira, das 09h00 às 17h00
	Serviço de Formação Profissional do Porto – Ciríaco Cardoso	Emprego e Formação Profissional			De segunda feira a sexta feira , das 09h00 às 13h00 e das 14h00 às 18.30
		Medidas de aproximação ao mercado de emprego			
Casa de Saúde da Boavista – Casa Mãe Clara		Ajuda alimentar	+/- 120 a 140 refeições (não faz triagem)	_____	De Segunda feira a sexta feira , das 12h00 às 13h15
		Roupa e calçado			
		Higiene pessoal – banhos e lavagem da roupa; Distribuição de Kits de higiene pessoal			
		Cuidados básicos de saúde, quando necessário ou prevenção programada uma vez por semana			
		Alimentação-almoço			
		Distribuição de vestuário e calçado			
ARSAP- Associação da Ronda dos Sem - Abrigo Porto		Ajuda alimentar	_____	Francos(destinado a pessoas de Ramalde, Viso, Campanhã e Hospital de S.joao)	_____
				Bairro Pinheiro Torres (destinado a pessoas do bairro e pastelaria)	
				Bairro do Aleixo	

		Rondas		Sé Porto (destinado a pessoas da Rua Escura , Ribeira , S.bento,Praça da Batalha e Escarpa da Serra) Bairro Cerco do Porto Rondas com a periodicidade de uma vez por semana (domingo à noite). Distribuição de alimentos , roupa,calçado e cobertores, bem como kits de higiene pessoal	
C.A.S.A- Centro de Apoio aos Sem - Abrigo		Restaurante Solidário- todos os dias	_____	Centro da cidade e zona da Boavista , às terças feiras;sextas feiras, e domingos.	_____
		Rondas			
		Ajuda alimentar para famílias carenciadas e animais domésticos			
		Recolha de alimentos e vestuário			
Heróis Obrigatórios- Associação Saber Compreender		Equipa de Rua	_____	Rota 1: Praça da Republica, Boavista, Viaduto da Renault, Pastelaria, Aleixo, Rua Escura, Batalha	Das 21h00 às 2h00 da manhã (horas aproximadas e dependentes das situações encontradas
		Rondas		Rota2: Cerco, 24 de Agosto, Rua de Santa Catarina, Gonçalo Cristóvão / Batalha	
		Sensibilização e desconstrução de esteriótipos e promoção de conhecimento		Distribuição de bens alimentares , sextas ou sábados , quinzenalmente	
Fundação ALLAMANO- Missionários da Consolata		Equipa de Rua	_____	Sexta feira: rota inicia às 22:30h	Bens distribuídos: Sexta feira , 22h30 até +/- 01h30 Domingo, 20h00 até às 22h30
				Percurso: Arca de Agua , Campo 24 de Agosto, Rua do Bolhão,Rua de Clemente Meneres , Rua da Restauração, Rua D.Pedro V, Rua Júlio Dinis e Largo Ferreira Lapatermina às 01:30	
				Domingo : rota inicia as 20h	

		Banco de Roupa		Percurso: Viaduto Gonçalo Cristóvão, Rua de Clemente Meneres e Rua Alves da Veiga – termina às 22h30 Sexta feira: distribuição de snacks Domingo : refeição completa	
G.A.S.Porto- Grupo de Ação Social do Porto		Distribuição de bens alimentares	_____	Distribuição de bens alimentares;	_____
		Acompanhamento de proximidade		Restaurante Solidário Batalha (Segunda feira e terça feira , das 20h00 às 22:30h	
		Articulação Interinstitucional		Parque de estacionamento Trindade – com o “ Amor Perfeito” : 5ª feira :21h00-23h00	
Igreja Evangélica Assembleia de Deus Pentecostal do Porto – Grupo Café Convívio		Rondas	_____	Boavista- Rua Julio Dinis : 22h15 quinzenalmente (Sábado)	_____
				Pastelaria (perto do KFC) 22h15 (ou 22h45), quinzenalmente (Sabado)	
				Aleixo: 22h45 (ou 23h45) quinzenalmente(Sabado)	
				Rua Escura : 23h15, quinzenalmente (Sábado)	
		Almoço semanal (sábado)		Bens distribuídos : Sopa,snacks, café,chá e sumo	
STC- Serve The City Portugal		Jantares comunitários	_____	Os jantares comunitários ocorrem 1x por mês (1º ou 3ºsemana), nas instalações da SASUP (serviços de ação social da UP , na Rua dos Braga	_____
		Formação de voluntários			
		Ações de team building solidário			
Colégio de Nossa Senhora do Rosário		Ajuda Alimentar (Rondas)	_____	Ajuda alimentar (Rondas)- semanalmente , 2ª,3ª,4ª,5ª e 6ª feiras, a partir das 21h30, segundo um itinerário previamente estabelecido	_____
				Distribuição de snacks,café e água	

				Rotas- saída do Colégio às 21:30h : MC Donald's, Bingo,Boavista e Bom Sucesso, Campo Alegre, Sé, Santa Catarina . Hora aproximada do fim :1h00	
				Bens distribuídos : 2 pães com fiambre e queijo ,leite achocolatado e café	
		Apoio Domiciliário		Roupas e Kits de higiene pessoal	
		Jantar comunitário		Apoio Domiciliário – à quarta feira . Colaboração a nível voluntário no Restaurante Solidário da Batalha(note: neste dia também estão presentes no Restaurante Solidário)	
				Ações de Formação : durante o ano desenvolvem ações de formação com os voluntários.	
				Jantar comunitário : realizado 1x por ano, nas instalações do Colégio para as pessoas em situação de sem abrigo contactadas.	
WelcomeHome-Cooperativa de Solidariedade Social , CRL		Acompanhamento social/ Emprego e Formação	_____	_____	_____
APURO- Associação Cultural e Filantrópica		Criação de produtos artísticos e culturais por cidadãos desfavorecidos	_____	_____	_____
Coração na Rua		Ajuda Alimentar	_____	Estação de S. Bento , Viela do Anjo na Rua Escura, Praça da República, Câmara (gabinete do município), Jardim do Carregal, Rua Júlio Dinis, Alameda de Cartes (Cerco do Porto)	_____

				<p>Caminhadas: Equipa de S.Bento: saída por volta das 20h30 e regresso às 22h30: Rua de Trás, Largo dos Loios, Rua dos Clérigos, Jardim da Cordoaria, Rua José Falcão, Rua de Ceuta, Avenida dos Aliados e regresso ao S.Bento</p> <p>Equipa da Câmara – saída por volta das 20h30 e regresso às 22h30: Rua Formosa, Rua Alves da Veiga, Rua Guedes de Azevedo, Rua Sá da Bandeira e regresso à Câmara</p> <p>Equipa de S.Bento: Padrão : Rua 31 de janeiro ,Rua Stº Idefonso, Largo do Padrão, Rua 31 de janeiro e regresso a S.Bento.</p> <p>Periodicidade : Sábados quinzenalmente</p> <p>Distribuição de refeição completa, bens alimentares, Kits do dia seguinte e Kits de higiene (1x mês)</p>	
		Rondas			
Escola Superior de Saúde Santa Maria	Projeto vintAGEING fénix	Capacitação pessoal e profissional para os utentes do projeto Porta Solidária	25 utentes mensalmente		
		Rastreios da tensão arterial, glicemia, índice de massa corporal e avaliação cognitiva-3ª feiras , das 18h00 às 19h00			
		Referenciação de utentes para enfermeiros de família (ACES) e projetos de capacitação profissional e reinserção social (IEFP)			
		Este projeto é assegurado pelos estudantes e docentes voluntários da			

		Escola Superior de Saúde de Santa Maria			
Trata-me por tu		Rondas noturnas	—————	Distribuição de bens alimentares, roupas e agasalhos	—————
		Iniciativas de sensibilização para a comunidade		Sensibilização e promoção da procura de ajuda para a saída da rua	
				Promoção da capacitação pela arte	
				Promoção da participação e cidadania	
				Promoção da educação entre pares	
				Percurso Rondas: Aleixo (20h30), Pinheiro Torres (21h15), Ramalde (22h00) Quinzenalmente , à quarta feira . Bens distribuídos: sopa,snakcs, café, água, roupa , agasalhos e calçado.	

Guião de Entrevista Semiestruturada

Data: ___/___/_____

Local: _____

Hora início: ___ h ___ Hora término: ___ h ___

Identificação do Entrevistado

- a) Género: Masculino _____ Feminino _____ Prefiro não dizer _____
- b) Idade: _____
- c) Habilitação académica: _____
- d) Área da formação académica: _____
- e) Ano de conclusão: _____
- f) Cargo Profissional: _____
- g) Funções desempenhadas: _____

Questões orientadoras

1.

Quais são as principais motivações para trabalhar com pessoas em situação de sem-abrigo? Qual a importância e o significado do trabalho realizado com as pessoas em situação de sem-abrigo? Quais são os aspetos mais gratificantes do seu trabalho? Como descreveria a importância do trabalho com as pessoas em situação de sem-abrigo, a nível pessoal e profissional? O que o mantém motivado e comprometido?

2.

Qual a sua experiência nesta área? Como descreveria a sua experiência de trabalho com as pessoas em situação de sem-abrigo? Quais foram os momentos mais significativos ou impactantes para si? Como é a interação diária com as pessoas em situação de sem-abrigo? Quais são os desafios e as retribuições que encontra nesses

momentos? Quais os sentimentos que caracterizam esta experiência? Que reptos socioemocionais encontra ao trabalhar com este público?

3.

Quais são as principais qualidades que considera essenciais para trabalhar com pessoas em situação de sem-abrigo? Qual o perfil que deveria ter uma pessoa que intervém nesta área? Quais as características e habilidades que facilitam a intervenção? Quais são as competências que identifica como diferenciadoras para intervir nesta área? O que o motivaria a procurar formação especializada nesta área? Quais os temas que considera importantes serem trabalhados com os atores que intervêm nesta área? Se tivesse possibilidade de fazer formação nesta área o que proporia.

Gostaria de acrescentar alguma coisa?

Se quiser enviar um pequeno testemunho, uma pequena reflexão, por email, basta meia página, agradecia imenso.

Consentimento Livre e Informado

Os dados recolhidos através desta entrevista serão trabalhados no âmbito da investigação “Intervenção Sociopedagógica e Pessoas em Situação de Sem-Abrigo – Caminhos de Inclusão (Um Estudo de Caso)”, realizada no âmbito do Curso de Mestrado em Ciências da Educação, com especialização em Pedagogia Social, da Universidade Católica Portuguesa,

Porque a sua experiência é muito importante, venho solicitar que dispense cerca de 30 minutos do seu tempo, assegurando o anonimato e confidencialidade das suas respostas, bem como a destruição dos dados após a conclusão do estudo.

A sua participação é voluntária e o estudo não comporta quaisquer riscos, existindo a possibilidade de abandono do mesmo em qualquer etapa

Disponibilizamo-nos para o esclarecimento de qualquer dúvida através do telefone: 916 075 705 ou para o email: s-disosousa@ucp.pt.

Muito obrigada pela sua compreensão e colaboração.

Assinatura da Investigadora _____

Concordo, de forma livre e esclarecida, em participar no presente estudo

Assinatura _____ do/a _____ Participante

Anexo 4. Quadro Sinótico

Categorias	Subcategorias	Fragmentos do Discurso
Motivações dos atores para trabalhar com as pessoas em situação de sem-abrigo	Importância e significado	<p>(...) <i>acompanhar a celebração de pequenas vitórias.</i> (E2)</p> <p>(...) <i>traz a nível pessoal uma maior amplitude no que toca à sensibilidade para os problemas da nossa sociedade, dado que estão no fim da linha de exclusão social, a nível profissional é importante lutar pelos seus direitos e pela consagração dos mesmos nos diferentes setores da sociedade.</i> (E4)</p> <p>(...) <i>Por exemplo, aparece-te uma situação de sem abrigo hoje, há a hipótese de poder ligar para o 144 e eles dão-te uma noite de dormida, só uma, mas não podes ser alcoólico, toxicod dependente, não pode ter doenças contagiosas, e há partida as pessoas em situação de sem abrigo vão fazer parte de um desses grupos, estão-te logo a pôr de parte, se tiveres algum problema destes, põe-te logo de parte, porquê? É um ser humano, muitos deles tornam-se alcoólicos quando vêm para a rua, porquê? Porque o álcool para além de ser a fuga deles, alimenta-os, porque tem açúcar.</i> (E3)</p> <p><i>Se tu os abordares com calma e se eles confiarem em ti, podes ir onde quiseres, agora se fores para lá a matar, eles vão reagir da mesma forma (...)</i> (E3)</p>
	Aspectos gratificantes	<p><i>Quando temos os mesmos valores pessoais alinhados com os valores profissionais, é a maior gratificação que podemos ter. Recebemos sempre mais do que damos ao outro.</i> (E1)</p> <p>(...) <i>estabelecer uma relação de confiança, quando as suas próprias redes estão frágeis.</i> (E4)</p> <p><i>A felicidade, os sorrisos, nós vamos lá para dar comida, mas também vamos para dar muita alegria. Temos alguns casos que acho que mais do que as fomes biológicas têm fome emocional.</i> (E6)</p> <p><i>Gratificante, não considero que seja um trabalho difícil, porque não é, para quem gosta de lidar com pessoas, para quem está à vontade com isso, não é.</i> (E6)</p> <p>(...) <i>ver a evolução deles apesar de recentemente após o covid, o grupo mudou, aparecem muitas pessoas estrangeiras, mas ver essencialmente a evolução deles, começaram assim e, entretanto, alguns arranjam emprego, ouvem os nossos conselhos.</i> (E5)</p>
	Compromisso	<p><i>A importância deste trabalho é toda, cada vez mais, nós vemos famílias inteiras sem conseguirem muitas vezes dar comida aos filhos, roupa, etc. e se todos nós conseguíssemos fazer um bocadinho, isto era muito mais fácil e melhor.</i> (E6)</p> <p><i>No meu caso é mesmo realização pessoal, é uma coisa que eu gostava e sinto-me muito realizada assim, a poder ajudar e a ver os resultados (...)</i> (E5).</p>

		<p><i>(...) eu sinto que eles na semana a seguir, por muito que seja uma pessoa nova esta semana, eles para a semana já te veem com outros olhos e com outro carinho e outro à vontade, não se sentindo tao abandonados. (E3)</i></p> <p><i>Olha , saber que eu vou aquecer muitos estômagos , que muitos deles só vão ter esta refeição durante o dia (...) há as cantinas solidárias por exemplo , mas é tudo uma treta, por exemplo eles preferem mil vezes a minha , não é para me estar a gabar(...) no porto há duas cantinas solidárias , só abrem á noite e eles não têm mais nada a quem recorrer, recorrem às carrinhas , às associações , a maior parte das associações dá um KIT com bolachas , 1 iogurte, fruta , eu não , eu dou-lhes uma refeição quente. (E3)</i></p> <p><i>Sabes qual é a sensação, de tu lhes dares muitas vezes o saco para a mão, hoje embalámos tudo, desde a Covid, fomos proibidos de sair para a rua, a situação de sem abrigo agravou-se muito durante a pandemia e pós pandemia então, piorou bastante, o consolo de terem uma sopa, eles adoram sopa, uma comida. (E3)</i></p> <p><i>(..) É por eles, porque eu penso, eu estou aqui a comer um prato quente, mas eles não, por exemplo, eu não consigo jantar à sexta feira antes deles, só depois (...) depois de eles comerem, de estar tudo servido, aí sim já vou jantar tranquila (...). (E3)</i></p> <p><i>Estive 2 semanas de ferias, mas antes de ir deixei tudo organizado, para que não falhasse nada (...) mesmo com a falta de voluntários, eu não me importo, nem que vá sozinha (...) muitos deles já estão nesta situação há anos e não saem, isto porque, as coisas estão muito caras (E3)</i></p> <p><i>Se eles quiserem a minha ajuda eu dou-lha, não vou julgar, seja no que for, a nível de assistente social, de hospital, etc. (E3)</i></p>
	Motivação	<p><i>(...) surge como resposta a necessidades sociais, numa lógica de inclusão e de justiça social e no contributo do desenvolvimento de competências pessoais, sociais e cognitivas e da promoção dos direitos fundamentais do ser humano. (E1)</i></p> <p><i>Acima de tudo o querer conhecer , não falar do fenómeno mas querer conhecer as pessoas que estão integradas nesse fenómeno, então parte muito desta ideia de quem são aquelas pessoas, porque estão naquela situação e o que é que pretendem dali, nem todas têm um projeto de vida já definido, por isso a motivação partiu sempre de: não sendo um publico que eu escolhi mas que acabei por estar a trabalhar, conhecer cada um deles e perceber qual era a sua historia de vida , a curiosidade, não de conhecer o fenómeno mas de conhecer mesmo as pessoas. (E2)</i></p>

		<p><i>(...) o gosto pela área da exclusão e a importância do trabalho realizado com as PSSA, o poder ajudar, defender e apoiar a pessoa num momento de maior fragilidade emocional, social, psicológico e económico. (E4)</i></p> <p><i>O que me mantém motivada é a tentativa de resolução dos problemas com que estas pessoas se deparam no seu dia a dia. (E4)</i></p> <p><i>Quis fazer voluntariado por uma questão pessoal, estava a passar por uma fase menos positiva na minha vida, e as vezes precisamos de ver o outro lado, para percebermos que afinal não estamos assim tao mal, alem do facto de querer ajudar quem precisa, foram uma das maiores motivações (E6)</i></p> <p><i>Sobretudo perceber que cada vez mais há quem mais precise e quem menos ajude. (E6)</i></p> <p><i>Quando comecei havia qualquer coisa cá dentro que me dizia que eu precisava de ajudar, primeiro porque tinha dois irmãos toxicodependentes e um deles eu não sabia do paradeiro dele e havia aqui um chamamento que me dizia, tens de ir , é aquela coisa de ir na rua e ver uma pessoa deitada num vão de escadas e dar-lhe uma sopa, uma palavra amiga e isso para mim começou-me a encher o coração , o primeiro dia digo-te que não foi nada fácil(...) eu experimentei e vi que realmente a realidade era totalmente oposta aquilo que eu estava a pensar, porque as pessoas julgam muito, ai eles estão assim porque querem , mas não , não é assim. (E3)</i></p> <p><i>Se ao fim de oito anos e tal, se ainda me afeta, afeta-me muitas situações, principalmente crianças, pessoas de idade, temos tido muitas, afeta-me. Na altura eu tento ser o mais fria possível, tentar ajudar na hora, mas o depois, o que levas, levas muita coisa por muito que não queiras. Muitas pessoas dizem-me, como é que tu consegues? Tenho que conseguir, eu não posso estar ali a mastigar naquele assunto, porque senão na semana a seguir eu não posso ir, e eu não podendo vir, eu vou-lhes fazer muita falta, muitas das vezes eu fico sem chão, mas se eu não vou reagir, então como é que é, ninguém vem ajudar. (E3)</i></p>
<p>Práticas de Intervenção Sociopedagógica</p>	<p>Descrição da experiência</p>	<p><i>A minha experiência profissional reporta-se ao ano de 2009, aquando do meu trabalho com pedagoga social... e acompanhava o processo de realojamentos do Bairro S. João de Deus, integrava as equipas multidisciplinares no terreno. (E1)</i></p> <p><i>(...) Não pudemos com este grupo de pessoas estar à espera que vamos conseguir cumprir aqueles objetivos, desenvolver aquelas atividades, naquele espaço de tempo, porque eles são muito voláteis , os objetivos têm que ser mais prolongados e esperar para ver como é que eles veem. (E2)</i></p> <p><i>Qualquer trabalhador social nesta área precisa de perceber que, ao trabalhar com estas pessoas não somos nós que lhes vamos ditar o que é que é melhor fazer, não pudemos forçar para que a pessoa aceite o que estamos a desenhar para ela,</i></p>

	<p><i>só porque nós conseguimos ver que é melhor para ela. Eu posso ver mas só quando a própria pessoa vir também é que vai aderir, penso que o que é mais urgente é que qualquer pessoa que vá trabalhar com este grupo, vá desde logo com esta ideia que: nos pudemos ter todas as boas intenções, pudemos ter todas as visões, todos os objetivos para aquelas pessoas, mas se aquela pessoa não estiver preparada, capaz de ver , não adianta (E2)</i></p> <p><i>Tenho experiência de início de carreira, de sensivelmente 5 anos, onde trabalhei em contexto de centro de acolhimento temporário para as PSSA e regresssei a esta área há um ano atras, onde exerço funções em equipa de rua que presta acompanhamento psicossocial. (E4)</i></p> <p><i>Iniciei o voluntariado em dezembro do ano passado, temos um grupo espetacular. A experiência, ou seja, nós também acabamos por conhecer um bocadinho de cada uma das pessoas e isso também nos dá algum arcaboço, para ganhar alguma experiência, algum traquejo (E6)</i></p> <p><i>Chegamos lá, colocamos os kits todos no chão, entretanto já esta uma fila de pessoas à espera, nós vamos distribuido um kit por cada pessoa e temos sempre colegas com chá e café quente na hora(E6)</i></p> <p><i>(...) desde jovens, famílias de jovens, pessoas idosas e de meia-idade, que a mim me faz muita confusão, recorrem a nós, á nossa comida e isso choca-me um bocadinho, principalmente as pessoas idosas quando vão sozinhas aquela hora ter connosco e depois ainda vão apanhar o autocarro (E5)</i></p> <p><i>(...) Ajudou-me muito a conhecer a mim própria. (E5)</i></p> <p><i>Sabes o que é ligar para o 112 porque uma sem abrigo se tinha acabado de automutilar e eu tenho de identificar o sem abrigo e eu disse que era a pessoa X, e eles disseram-me, ai desculpe mas nós não vamos (...) tive mais de 1 hora para conseguir que me chamassem o INEM, e ela ao meu lado, cheia de sangue (...) o nosso sistema está muito, muito mau (E3)</i></p> <p><i>O nosso X, está connosco há muito tempo e na altura no meu primeiro jantar dos sem abrigo, ele é uma pessoa muito animada, apesar da situação dele. Ele ficou desempregado , começaram as discussões em casa, ele preferiu sair porque não contribua com as despesas, hoje mora num quarto , sempre que aparece um emprego , quer seja de semana , de mês , ele aproveita tudo , ele quando não vem uma semana , eu já sei que ele está a trabalhar , por exemplo, ele foi para a panha dum fruto em Bragança sem conhecer nada nem ninguém (...) também tivemos um caso com a Y, que ela foi trabalhar para Espanha , mas foi para vender o corpo, estava sequestrada , quando tivemos noticias dela, foi ela própria que entrou em contacto comigo , que estava na esquadra e que ia ser transportada para cá , quando eles vão , eu fico com o coração apertado(...) (E3)</i></p>
--	---

		<p><i>Eles são pessoas que com o tempo tornam-se muito revoltadas, desconfiadas, eles têm falta de muita coisa, tu tentas saber o que se está a passar, isto não é chegar lá, despejar a comida e vir embora, tu tens de falar com eles, tentar saber ... (E3)</i></p>
	<p>Momentos significativos</p>	<p><i>O chegar às pessoas, o elas quererem, terem vontade de contar a história. Ultrapassando a barreira de técnico, pessoa em situação de receber um apoio, uma ajuda, ultrapassando essa barreira profissional, esta questão de termos conseguido mesmo estabelecer relação, em algumas situações o estatuto de doutora cai, porque ajuda muito na relação, e cai, mas por cair e por me chamarem por ... só não era doutora. O facto de termos estabelecido relação para mim foi o mais importante. (E2)</i></p> <p><i>Mais impactante (...) quando uma pessoa que já esteve em situação de sem abrigo veio ter connosco para nos contar como a situação dele tinha alterado, um em 6 anos e meio, veio ter connosco para nos contar, agradecer a nossa disponibilidade e contou -nos como tinha conseguido dar a volta à situação, que estava a trabalhar , que tinha alugado uma casa ... aconteceu uma situação de sucesso por ele próprio. (E2)</i></p> <p><i>Os momentos mais significativos ou impactantes são aqueles em que as situações proporcionam alterações nas trajetórias de vida das PSSA, por mais pequenas que sejam, acabam por se revelar extremamente impactantes, como por exemplo, conseguir desbloquear consultas de acompanhamento médico (ganhar a confiança da PSSA para reativar consultas médicas), ou aquelas que provocam mudanças mais profundas, como por exemplo, quando conseguem alugar um quarto/uma casa. (E4)</i></p> <p><i>Temos de estar aptos a aceitar as pessoas, sem julgar, é muito gratificante para nós perceber que alguns já têm emprego, já têm casa, tratam-se, aceitam aquilo que lhes damos de bom agrado (...) (E5)</i> <i>(...) ou até a darem nas coisas, mesmo eles ainda nos conseguem dar, tampinhas, olha a semana passada deram uma caixinha cheia de dióspiros, lá está, eu tinha uma ideia diferente das pessoas em situação de sem abrigo, só de sem abrigo-rua e não, é rua, é pessoas em casa, mas com muitas necessidades, há quem ache que já não tem mais nada a perder e só sobrevive. (E5)</i></p> <p><i>Incrível, reconfortante, um misto de emoções, mas é incrível ... (E3)</i></p> <p><i>Na altura de Natal, fazemos uma lista com os presentes que eles gostavam de receber, e o X, pediu me um emprego, ou seja notasse que ele quer sair desta situação (...) (E3)</i></p> <p><i>Era muito engraçado perceber a mudança de postura corporal de módulo a módulo ... consoante iam identificando mais coisas em si e o falar em voz alta para os outros sobre o que descobriram em si através das dinâmicas que íamos fazendo ... mais direitos , olhavam mais uns para os outros , o ir apresentar a frente , já não iam envergonhados , já não iam cabiz baixo... o valorizar cada coisinha , que mais pequena que seja , que vai ajudar a endireitar a coluna , deixar de sentir cabiz baixo , acho que isso foi o que me motivou mais , impactou mais.(E2)</i></p>

	Interação diária	<p><i>... Não falamos de um fenómeno, falamos de pessoas que constituem esse fenómeno e que é preciso mesmo conhecer a pessoa que está por trás daquele corpo sujo, daquela barba por fazer, há alguém e quem é esse alguém? ...A expressão de olhar o outro fez todo o sentido. (E2)</i></p> <p><i>(...) todos os dias são diferentes, porque podiam vir um dia em que vinham alcoolizados, podiam vir um dia em que vinham bem, vinham outro dia porque tinham discutido com a assistente social Havia dias muito bons, havia dia muito maus e havia dias em que se conseguia trabalhar alguma coisa, conversar alguma coisa (...). (E2)</i></p> <p><i>A interação diária com as PSSA é extremamente próxima, informal e sempre de encontro às necessidades e vontades das PSSA. (E4)</i></p> <p><i>E para conseguirmos saber lidar e estar com todo o tipo de pessoas que nos aparece, porque há pessoas que as vezes precisam de um cuidado diferente, no sentido em que não têm uma comunicação tao fluída como outras. (E6)</i></p> <p><i>Assusta-me um bocadinho, principalmente assuntos de droga e álcool, quando eles se “passam”, não é um termo muito bonito, mas, quando estão bem e de repente ficam agressivos, é difícil de nós controlarmos, a gente consegue controlar porque temos posições estratégicas e sabemos e percebemos quem é que está ali a iniciar uma zaragata ou mais alterado, para mim é uma situação difícil. (E5)</i></p> <p><i>Uma boa interação, mesmo durante a semana eu percebo que mantêm contacto, as pessoas responsáveis pelo grupo com as pessoas em situação de sem abrigo. (E5)</i></p> <p><i>Os sentimentos é um agridoce, porque tu tens quem te abraça, eu não nego um abraço seja a quem for, se querem uma palavra amiga, eu vou-lhes dar uma palavra amiga, isto é um agridoce (...) há dias que até te chateias porque eles pegam-se, mas depois fica tudo bem. Eu não vindo, sinto falta e fico preocupada. (E3)</i></p>
	Desafios vs. Retribuições	<p><i>... as pessoas estão fragilizadas e não se conhecem e não se identificam, estão completamente anuladas e sem energia nenhuma para conseguirem avançar. (E2)</i></p> <p><i>Difícil porque como disse a bocadinho, o celebrar as pequenas vitórias, mas para que se consiga que haja uma pequena vitória, tem de haver um trabalho muito grande antes, então exige muito de nós é desgastante (E2)</i></p> <p><i>...Situações impactantes, homens e mulheres que estavam a fazer uma formação de competências pessoais e sociais, mas também de construção de projeto de vida, então eu passei com eles 4 meses em que fizemos módulo a módulo, para eles puderem tomar consciência das suas competências pessoais, sociais, transversais, para desenhar um projeto de vida (...). (E2)</i></p>

		<p><i>Os desafios é testar, perceber o que é que posso dizer, dou um passo atrás? toco, não toco? são os desafios constantes de irmos percebendo o que funciona com aquela pessoa e não funciona Com o tempo vai se percebendo que aquela pessoa que não se podia tocar, já permite que lhe toque Pode não saber dizer obrigada, mas não precisa, basta um olhar ... a retribuição não pode ser expectável, mas deve ser observável e para isso eu tenho de estar atenta, olhar sempre para eles e conhecê-los. (E2)</i></p> <p><i>... os sentimentos são todos, desde a raiva e a fúria porque vejo tanto potencial naquele rapaz e ele teima em não aderir às atividades, ele teima em faltar à formação e ele tem tanto potencial, mas depois também ao mesmo tempo ter aquele sentimento de fogo ele conseguiu, ele arranjou emprego. (E2)</i></p> <p><i>Trabalhar com as PSSA é sempre um desafio, um dia é sempre diferente do outro, não há propriamente uma rotina instalada. (E4)</i></p> <p><i>O desafio é não perdermos a motivação, é essencialmente isso porque lá está, encontra-se de tudo, há quem valorize, há quem não valorize (...). (E5)</i></p> <p><i>Os desafios que encontro nesses momentos são dar uma resposta direcionada, atingível e adequada. Muitas das vezes, aquilo que sinto é que as pessoas com quem trabalhamos confiam no nosso trabalho, que somos dedicados à sua causa e que lutamos com eles. Como tal, a maior parte das vezes, a retribuição é positiva e sentimos que confiam mais em nós do que em outros técnicos (de saúde, da segurança social, etc.). (E4)</i></p> <p><i>Falta de doações, as pessoas não estão para dar nada, eu noto que não é só por as pessoas não puderem, é muitas das vezes, o egoísmo. (E3)</i></p>
--	--	--

	<p>Reptos socioemocionais</p>	<p>(...) Cada vez mais sermos gratos por tudo o que nós temos, porque amanhã podemos ser nós. (E2)</p> <p>(...) então foi também a experiência onde eu aprendi a não ter expectativas, expectativa é igual a frustração, porque quanto mais alta, vem a frustração a seguir, então não esperar nada, ouvir, devolver e estar disponível Então saber lidar com a expectativa, saber lidar com a frustração e esperar que venha a pequena vitória, mas estar sempre lá disponível, isso é que foi o mais difícil de trabalhar com as pessoas. (E2)</p> <p>Há muitos sentimentos envolvidos... quanto mais nós demonstramos os nossos , mais a pessoa vai sentir abertura para o fazer, agora é encontrar um lugar , onde eu não me envolvo demais e onde a pessoa também não fica dependente de mais , nós somos pessoas a cuidar de pessoas... a tristeza e o desalento quando nos roubam , quando dizem que vão fazer uma coisa e não fazem , quando eu prometo que vou amanhã , mas depois nunca vêm , são sentimentos muito variados que nós só temos é que perceber com a experiência , nós próprios também que estamos na intervenção , a que isso não nos influencie demasiado , é difícil , os sentimentos estão todos lá , pudemos é optar por esconder , se for melhor naquela situação ou optar por mostrar se for melhor naquela situação também , mas isso vem com a experiência (E2).</p> <p>(...) Irmos com o sentimento de escutar, conhecer , avaliar , para depois devolver à pessoa de acordo com o que ela quiser fazer , mas nunca ir com a intenção de que é isto que é o melhor para si, é por aqui... (E2)</p> <p>Relativamente a desafios socio emocionais, é lidar com a falta de respostas e recursos disponíveis para esta população, respostas que dependem de um nível mais macro (sociedade), e isto surge como um obstáculo ao trabalho de intervenção. Por isso, saber lidar com a minha frustração perante a falta de respostas sociais adequadas a esta população é um enorme desafio. (E4)</p> <p>Quando nós vimos embora com os carros vazios e chega alguém cheio de fome e nós não temos nada para dar, isso a mim marca me imenso, sempre que aparecem crianças marca-nos sempre mais um bocadinho como é obvio. (E6)</p> <p>As vezes deixamo-nos envolver um bocadinho nas vidas, mas temos de saber fazê-lo, temos de estar um bocadinho preparados para as histórias que vamos encontrar, temos de saber dar a mão, saber estar. (E6)</p> <p>(...) são os dois mundos, é o bom de ser gratificante, de ver as pessoas agradecer e depois também tem outra parte, que também me ajudou a digerir, porque eu sou muito impulsiva e tenho de me conter as vezes um bocadinho para pronto não julgar nem reagir, respirar fundo ... (E5)</p> <p>(...) ver miúdos jovens a dizer que não têm nada a perder e só estão ali a sobreviver, faz me um bocadinho de confusão. (E5)</p> <p>Eu só penso muitas das vezes, que um dia que eu não possa, que alguém siga com o mesmo trabalho (E3)</p>
--	-------------------------------	---

Percepções dos atores sobre as necessidades de formação sociopedagógica	Perfil do profissional	<p><i>Precisamos de ser bons ouvintes, bons observadores, pacientes, criativos, aceitar desafios, sem medos, o essencial neste trabalho é de imediato retirar degraus, diminuir a situação de poder, não haver nenhuma pretensão de que nós sabemos mais da vida deles, por isso nós não dominamos nada do que aquela pessoa pode fazer ou aspirar...disponibilidade. (E2)</i></p> <p><i>(...) a pessoa tem que ter mesmo este perfil de estar disponível para reações a imprevistos, estarmos capazes de ter expectativas nível zero, estarmos capazes de ser verdadeiras, genuínas, para mim o perfil passa muito por ser genuíno, verdadeiro, disponível e sem expectativa nenhuma, não querer mudar o mundo (...) é o perfil do educador social, por isso, o perfil do educador social adequa-se perfeitamente à intervenção com este grupo. (E2)</i></p> <p><i>Penso que perfil de uma pessoa que intervém esta área, independentemente da sua formação académica, será a defesa dos direitos das PSSA, saber lidar com o stress e com a falta de respostas concretas e adequadas às situações e contextos. (E4)</i></p> <p><i>(...) O querer, o querer ajudar, muita alegria e o sentido de solidariedade (E6)</i></p> <p><i>(...) acho que tem de ser uma pessoa que tenha sensibilidade, que tenha humildade, que goste de trabalhar com pessoas (E5)</i></p>
	Características e habilidades	<p><i>Pessoalmente, sou apologista do equilíbrio entre a vida pessoal, familiar e profissional, sendo esta tríade muito difícil de gerir (...). (E1)</i></p> <p><i>(...) por isso, nós pudemos ter um fio condutor, mas não temos um corredor, por isso nós precisamos de ter muita criatividade, muita agilidade para lidar com as pessoas. (E2)</i></p> <p><i>A principal qualidade é a perseverança. As características e habilidades que facilitam a intervenção são uma comunicação simples e adequada às pessoas com quem trabalhamos, bem como a empatia, saber ouvir a pessoa (escuta ativa). (E4)</i></p> <p><i>Para já temos de ser ágeis, para conseguir fazer os kits todos num instante, com eles no momento, sermos alegres, divertidos, sermos uma pessoa leve (E6)</i></p> <p><i>A pessoa tem de ser responsável, temos de nos comprometer, se falharmos as pessoas depois não têm a nossa ajuda, e dar muito carinho. (E6)</i></p> <p><i>Estar disponível, arranjar-mos aquele tempinho para ajudarmos quem necessita (E5)</i></p> <p><i>Estarmos aptos a ouvir, a ajudar, a conhecer um bocadinho de cada um, pronto percebermos em termos de grupo, e eu acho que é isso que acontece aqui, perceber a evolução deles. (E5)</i></p>

		<i>Tem de ser um coração mole, mas ao mesmo tempo um coração duro na hora, e o mole vir só depois, ser uma pessoa prática e que seja uma pessoa fixa naquilo que esta a fazer; tem de ser uma pessoa coerente, meiga. (E3)</i>
	Competências diferenciadoras	<p><i>(...) Os técnicos superiores da área social já possuem uma predisposição pessoal para solucionar vários problemas sociais. (E1)</i></p> <p><i>O estar disponível, o ouvir e o ver e esta capacidade de improviso, ajuda-nos muito porque se estivermos a seguir uma linha condutora nós não sabemos o que se vai atravessar a meio, não sabemos que memória pode vir aquela pessoa naquele momento, e o comportamento dela pode-se alterar. (E2)</i></p> <p><i>(...) ser o trabalhador da proximidade, o trabalhador no terreno, o trabalhador da relação, estas competências que nós temos de trabalhar no terreno diretamente com a pessoa, esta competência de relação, esta competência de proximidade</i></p> <p><i>As competências do educador social que podem ser diferenciadoras para intervir com pessoas em situação de sem abrigo são o poder da comunicação informal, que é fundamental que tenham em conta necessidades das PSSA, bem como a dificuldade que têm no estabelecimento de uma relação de confiança. Deverá ter em linha de conta o seu estado de saúde mental destas pessoas e responder às suas necessidades de forma efetiva para promover o seu bem-estar. Providenciar suporte que é fundamental para combater a solidão, providenciar segurança e contribuir para o aumento da autoestima. (E4)</i></p> <p><i>eu estou para lhes dar um prato de comida quente, mas não é só isso, é tentar falar com eles, tentar interagir, eu a maior parte deles, sei quase a vida deles toda, porque não é despachar, é dar-lhes a atenção que eles precisam. (E3)</i></p> <p><i>(...) eles notarem que tu não vais de má-fé, que estás ali para os tentar ajudar, seja da maneira que for ouvi-los, isso já é muito. (E3)</i></p>
	Motivação para a formação	<i>Os temas que considero importantes serem trabalhados com os atores que intervêm nesta área são as políticas e respostas sociais orientadas para os direitos humanos e intervenção comunitária com PSSA, bem como a concretização da definição do papel do gestor de caso das PSSA. (E4)</i>
	Necessidades de formação	<p><i>(...) é importante termos formação na ética e nos direitos humanos (...). (E1).</i></p> <p><i>...ao nível de estratégias criativas e inovadoras para trabalhar , eu percebi que ao trabalhar o laboratório das competências pessoais e sociais, havia ali , umas lacunas que eu tentei responder , mas que eu própria senti alguma dificuldade em trabalhar com estas pessoas (...) são todos diferentes , com percursos de vida completamente distintos, mas que chegaram ao mesmo fim (...) formação que nos capacitasse mais com ideias diferentes, com estratégias diferentes, para lidar com este publico alvo(...) trabalharmos esta questão mais prática da intervenção , eles tem de ser cativados</i></p>

	<p><i>pela diferença ,cativados pela curiosidade, por fazer algo de diferente e inovador mas que lhes responda , não uma formação retirada de um programa que já esta traçada , não, para eles tem de ser aberto , quanto mais lhe estimular a curiosidade , mais os conseguimos cativar (E2)</i></p> <p><i>(...) formação sociopedagógica, formação que nos prepare para uma intervenção para os valores (...). (E2)</i></p> <p><i>Acho que procuraria algo que fosse diferenciador, algo que tivesse a ver com respostas habitacionais mais adequadas e que fossem de encontro às necessidades das PSSA. (E4)</i></p> <p><i>Aprendermos a lidar com a parte da toxicodependência, prostituição, famílias disfuncionais, gestão de emoções, tentar saber gerir esta parte nas pessoas (E6)</i></p> <p><i>Acho importante terem formação, aliás, devia ser um requisito obrigatório porque noto isso. (E5)</i></p> <p><i>Formações para nos ajudar a lidar com estas pessoas, com a toxicodependência. (E3)</i></p>
Propostas de formação	<p><i>(...) proponho aos técnicos formações em áreas tais como: gestão das emoções, prevenção de burnout; gestão de tempo; Mindfulness; comunicação empática e assertiva. (E1)</i></p> <p><i>Técnicas, dinâmicas de grupo, atividades praticas dirigidas a este grupo (...). (E2)</i></p> <p><i>Se tivesse possibilidade de fazer formação nesta área propria na área das políticas sociais e de habitação adequadas às verdades necessidades das PSSA. (E4)</i></p> <p><i>Formação para fazer aquilo que nós fazemos neste momento, penso que não, mas secalhar numa vertente mais socio económica, secalhar sim, é importante. (E6)</i></p> <p><i>(...) a nível social, acho que é mesmo a nível de caracter social de cidadania. (E5)</i></p>